



OS DISSOLUTOS

M. L. ESTEFANIA



Os Dissolutos

M. L. Estefania

Amigos de faculdade Os três Centauros Selvagens, como eram conhecidos, foram chamados pelo seu antigo professor de faculdade Dixie, à pequena cidade de Cheyenne para que com a sua habilidade com as cartas conseguissem exterminar os jogadores trapaceiros que se iam apoderando do dinheiro da cidade, a intenção era repor a paz, sem os vícios do jogo.

Disponibilização: Luka
Digitalização: Marina
Revisão: Ana Marques
Formatação: Edina

CAPÍTULO I

Carros com dois, três e até quatro cavalos paravam diante da residência oficial do governador e dali desciam mulheres com luxuosos vestidos e jóias, bem como homens de fraque e cartola.

Ignorando-se a geografia, podia-se imaginar que era uma festa de diplomatas na Casa Branca ou em algum palácio dos financistas de Nova Iorque.

Era a recepção oferecida pelo governador eleito às pessoas importantes da cidade e do Estado de Wyoming e vinha gente de bastante longe. No trem, vindo do oeste, por exemplo, chegaram muitas pessoas de Laramie cuja universidade o governador lecionara.

Seu adversário nas urnas fora um advogado como ele, porém de Cheyenne. Todos contavam com a eleição deste. Confiavam cegamente nos amigos e foi uma surpresa sua derrota.

O vencedor, John Dixie, também praticara a advocacia em Cheyenne e de lá foi para Laramie, onde herdou um magnífico rancho de seu tio. Durante sua estada em Cheyenne tivera pouco trabalho como advogado, por não contar entre seus clientes a gente ligada a saloons, casinos e lupanares.

Em troca, Ernest Cross contava seus clientes às dúzias e ganhava milhares de dólares anualmente. Sua vitória fora tida como certa por contar com o apoio dos donos de casinos e saloons, tanto em Cheyenne como em Laramie, embora ali vivesse Dixie, dando aulas da universidade.

Durante a campanha, Cross tratou de combater Dixie acusando-o de rancheiro, como se fosse uma desonra, e até de vaqueiro. Mas isto acabou dando a vitória a Dixie, uma vez que Wyoming era antes de tudo um estado pecuarista.

Outra coisa ajudou Dixie. Anos antes, uma mulher vencera as eleições, a Morris, e agora as mulheres votaram em quem representava para

elas o contrário de Cross. Consideravam Dixie inimigo dos bares, casinos e lupanares.

Leopold Fantew, editor do velho jornal Daily Leader ajudou Cross o quanto pode durante a campanha. Foi outro dos que se surpreenderam com a vitória de Dixie.

Depois das eleições, Cross e seus amigos reuniram-se no Naípe de Ouro, um dos saloons de Joe Becker, mais conhecido como o Imperador de Cheyenne.

Cross ia distribuindo cargos para os amigos.

Gostaria de ver a cara daquele vaqueiro, quando conhecer o resultado - dizia Cross.

- Não compreendo os democratas - disse Leopold. - Foram escolher o nome mais obscuro do partido. Quem conhece Dixie? Foi um advogado vulgar e teve de se meter na universidade para não esquecer o que aprendeu. Tinha tão pouco trabalho que acabaria esquecendo tudo.

- Continuará sendo professor - observou Joe.

- É mais rancheiro que qualquer outra coisa. Seu pai também o foi. Veio a Cheyenne em 68, achando que venceria na vida.

- Só encontrou dois clientes, que eu não quis atender - riu Cross. - Se não fosse a herança do tio, morreria de fome.

- Só tem uma coisa que presta: a filha. Dizem que é muito bonita.

- É o que o pessoal de Laramie diz - observou Joe.

Continuaram bebendo e conversando e todos já tratavam Cross por excelência, pois tinham certeza da vitória. Tanta que foram à casa do amigo governador para que este lhes mostrasse as dependências da mesma. O governador, que não gostava nem de Cross nem de Joe, pediu-lhes paciência e que esperassem a apuração.

Joe, mais grosseiro que Cross, retrucou:

- Sei que não me aprecia, excelência, e tenho certeza de que preferiria a vitória de Dixie. Mas não terá esse prazer. E fez bem em não concorrer à reeleição. Nós o teríamos derrotado.

O governador chamou sua guarda e expulsou-os da casa.

Voltaram para o saloon e beberam a noite toda, com os amigos. Foram dormir de madrugada e acordaram tarde na manhã seguinte.

Na cidade, a apuração dizia que Cross ia vencendo. Mas, pelas sete da noite, chegou Leo, anunciando que nas outras cidades não acontecia o mesmo.

- Não gosto disso. Parece que Dixie ganhou muitos votos.

- Impossível! - resmungou Joe.

- Também fiquei surpreso, mas não há dúvida a respeito. Dixie tem mais de mil votos na frente. Ninguém entende, se bem que ouvi um comentário que me pareceu importante.

- O que foi?

- O voto feminino. As mulheres em geral odeiam o que você representa, Cross. E, então, votaram em Dixie. Acho que não demos a devida importância a Dixie. Foi muito hábil e

abiscoitou o voto das mulheres e do campo. Vai ganhar!

- Não é possível! — exclamou Cross.

- Ainda faltam muitas urnas o lembrou Joe.

- Não tantas. A apuração já foi concluída nas cidades mais importantes. Será difícil superar a diferença com os votos das demais localidades. Pensamos que bastaria Cheyenne e Laramie para ganhar, mas nos enganamos.

Um grande desconcerto se apossou de Cross e seu grupo. Foram todos para o local onde se dava a apuração e Cross indagou de seu representante.

- Como vai, rapaz?

- Muito mal. Dixie já tem mais de quatro mil votos na frente. Ainda que todos os votos não conferidos sejam seus, você não poderá ultrapassá-lo. Não há dúvida que você foi derrotado e graças principalmente às mulheres. Há povoados com oitenta votos no total, inclusive os femininos, e os oitenta foram para Dixie.

Cross e seus amigos retiraram-se, furiosos.

No dia seguinte toda a cidade soube da vitória de Dixie.

Nos saloons não se falava mais de eleições e todas as fisionomias mostravam-se consternadas.

Dixie chegara a obter dez mil votos na frente de Cross. Sua vitória fora espetacular.

- E depois de tudo que dissemos... - lamentou-se Joe, um dos mais aborrecidos.

- Não deviam ter falado antes da apuração - disse a mulher, encarregada das coristas no Naípe de Ouro.

- Não podíamos duvidar de nossa vitória.

- Já viram que se enganaram.

- Malditas mulheres! Não sei com que direito votam.

Daí a pouco o antigo governador compareceu ao saloon. Era a primeira vez que o fazia dentro de quatro anos.

- Parece que se enganaram - disse, sorrindo, ao grupo de Joe. - Por isto lhes pedi paciência, quando quiseram ver a casa...

- Da próxima vez ganharemos — assegurou Joe.

- Vocês tinham a mesma certeza agora. Foi a vitória das mulheres e vaqueiros, aos quais vocês ridicularizaram. Cometeram a tolice de pensar que Laramie e Cheyenne decidiriam a eleição. As mulheres, também, ajudaram a me eleger, junto com os vaqueiros. E Cross, onde está? Deve ter-se contrariado bastante, não? Pensava que seria eleito. ..

O governador acercou-se do balcão e pediu bebida, bem como os amigos que o rodeavam.

Joe meteu-se, irado, em seu quarto e só saiu quando soube que o governador partira.

- Que tolice ir ver a casa antes de ser eleito - disse a mesma mulher de antes. - Vieram rir de vocês.

- Nunca pode conosco nestes quatro anos. Dixie tão pouco poderá. Dixie trabalhou aqui como advogado e nunca arrumou clientes.

- Agora será diferente, ele é o governador.

- Lembre-se de que falou de acabar com a loteria. É o pesadelo de todos eles e só farão perder o tempo.

- Se a declararem ilegal...

- Ganharemos mais ainda - afirmou Joe.

Os dias se passaram e chegou o da posse de Dixie. Foi uma cerimônia simples e os componentes das duas câmaras compareceram, bem como o senador do Wyoming.

Dixie fez um breve discurso e afirmou que faria todo o possível para fazer jus à confiança nele depositada. Esperava que os presentes o auxiliassem.

O ex-governador retirou-se e Dixie instalou-se na residência oficial. Sua filha Lisa, por sua beleza e simplicidade, chamou a atenção de toda a cidade.

Contou a todos que nascera em Cheyenne e ficara muito feliz em voltar àquela cidade. Depois Lisa foi passear sozinha pelas ruas, observando as fachadas dos bares e tabernas.

Joe estava na porta do Naípe de Ouro quando Lisa passou por lá. Danielle, a chefe das empregadas, achava-se com ele.

- Caramba, não há dúvida de que ela é linda!
- exclamou Danielle.

Joe não disse nada, mas pensou em vingar-se. Voltou sorrindo para o interior do saloon.

Os que viram Lisa, comentavam sua beleza,
- Uma mulher assim, neste saloon, seria uma mina! - exclamou um dos jogadores habituais da casa.

Joe sorriu novamente, mas não disse nada. Danielle fitou-o, preocupada.

CAPÍTULO II

DIXIE, sua mulher e filha recebiam com agrado os visitantes. A casa já estava cheia e continuava chegando gente. Membros das duas câmaras, comerciantes, rancheiros, mineiros, militares do forte próximo, autoridades... menos taberneiros e proprietários de cassinos.

Para Joe, foi um golpe. Considerava-se o sujeito mais importante de Cheyenne e nem sequer o convidaram. Os membros das câmaras, amigos seus intercederam junto a Lisa, a encarregada de distribuir convites, mas ela não queria saber de taberneiros em sua casa.

Cross foi convidado e compareceu com sua mulher. Esta trabalhara em saloons antes de se

casar e uma vez que seguia vivendo no mesmo ambiente vestia-se como aquele tipo de mulher, mas era uma mulher agradável, já um pouco madura.

Fora muito bonita e ainda conservava bastante beleza. Sempre sonhara em viver num ambiente distinto e ter filhos. Devido à sua beleza, viu-se sempre obrigada a recusar ofertas insultantes dos amigos de Cross. Chorava quando este dizia que uma mulher bonita, como ela, não devia se espantar diante de tais propostas.

Na casa do governador, em que ela sonhara viver, foi tão bem recebida pela mulher e filha de Dixie que se sentiu diminuída. Dixie disse a Cross:

- Não importa que tenhamos sido competidores. Um dos dois tinha de ser eleito e fui eu. Espero que isto não nos impeça de ser amigos. Sei que poderei contar com sua ajuda, caso necessite, para o bem do Wyoming, ao qual tanto devemos.

Não fez a menor referência à campanha difamatória de Cross. Este, surpreso, por um momento, não soube o que dizer. Até que, por fim, falou:

- Creio que o voto das mulheres me derrotou...

- Será a única vez que não teve sorte com elas, porque encontrou para esposa uma mulher muito linda.

Agatha, a mulher de Cross, corou. Lisa pegou-a pela mão e levou-a para dentro. Era a primeira vez que ela se via entre gente distinta de verdade e sentia-se deslocada; no fundo, estava feliz como uma criança.

- A luta acabou entre eles - disse Lisa. - O que importa agora é que tudo dê certo. Meu pai é muito bom e logo todos o comprovarão. Só é perigoso quando o aborrecem. Seu marido não deve odiá-lo por ter sido derrotado. Meu pai não faria caso, se perdesse.

- Confesso que estou um pouco assustada - disse Agatha. - Ele tinha certeza da vitória e o resultado surpreendeu-o muito. Não diga nada a

ninguém mas tome cuidado. Meu marido e seus amigos não são do tipo que se conforma com derrotas. Estou com medo!

- Acalme-se, aqui todos são seus amigos.

- Obrigada, senhorita, muito obrigada... Mas... sabe onde meu marido me conheceu?

- Não importa. Nunca estive num pântano? Então deve ter visto como saem lindas flores do lodo e o lodo não as suja.

Lisa emocionou-se com as lágrimas que brotaram dos olhos de Agatha.

- Acalme-se, por favor. Está entre amigos...

- Você sabia meu passado...

- Não pense nisso, o que passou, passou.

- Obrigada... Não queria enganá-la. Poderia descobrir mais tarde e...

- Você está em sua casa e sentimo-nos honrados com sua presença. Espero que sejamos amigas. Minha mãe também se alegrará com sua amizade.

Lisa afastou-se, porque a chamavam, e Agatha ficou sozinha. Logo depois, Cross reuniu-se a ela.

- Não devíamos ter vindo... Todos riem de mim. O que foi que a filha do vaqueiro-governador lhe disse?

- É uma grande moça - elogiou Agatha. - Disse que ficará muito contente se formos amigas.

- Claro, muita esperteza. Sabe que posso afundar o pai dela. Nada de amizade com ela. Pagarão pelo ridículo que me impuseram.

- Ela não tem culpa se o pai foi eleito.

- Por acaso está de acordo com esta eleição?

- Não, mas não é culpa dela.

- Seu modo de falar me surpreende. Acha que seriam suas amigas se soubesse de onde você veio? Você nunca será uma dama... Bom. elas tão pouco são.

- Não precisa me lembrar de onde saí. E Lisa, também, sabe. E, apesar disto, disse que minha presença aqui a honrava muito.

- Caramba! Ela sabe e ainda quer ser sua amiga? Então já sei porque é para você lhe contar as anedotas que aprendeu, sem dúvida.

- Você é um covarde miserável! Só fiquei dois meses naquele saloon e não havia nada imoral lá, era um saloon como outro qualquer.

- Não vamos fazer escândalos, Agatha.

- Você é que está fazendo. Agora tenho certeza de que foi uma sorte para o Wyoming sua derrota. Um covarde como você, nesta casa, seria a desgraça de toda a gente honesta.

Cross fez um esforço para não esbofetear Agatha.

- Será melhor irmos embora - resmungou.

- Também acho. Mas não sairei antes de cumprimentar Lisa. Devo ser atenciosa com ela...

Representantes da câmara baixa acercaram-no, o que impediu o casal de continuar discutindo. Suas mulheres juntaram-se a Agatha e afastaram-se com ela.

Cross aproveitou a companhia para iniciar nova campanha contra Dixie. Quando o jantar foi servido já falara com vários dos amigos seus presentes à festa.

Cross se espantou quando se notou sentado ao lado de Dixie, e sua mulher, ao lado de Lisa,

Dixie pediu silêncio e levantou-se para falar:

- Qualquer de nós dois que fosse eleito trabalharia pelo bem do Wyoming. Por isto lhe pedi para se sentar a meu lado. A eleição foi casual, a idéia de trabalhar pelo Wyoming era comum a nós ambos.

Os aplausos soaram, calorosos. Cross encabulou-se com o sorriso de mofa dos amigos. Então se levantou para falar, também:

- Minha política, caso eleito, seria oposta à sua.

Fez-se um-silêncio de morte.

- Os caminhos não importam e, sim, a meta - retrucou Dixie. - É natural que a atuação fosse diferente. Por isto fomos adversários, mas a finalidade era uma só: o bem do Wyoming.

Mais aplausos e Cross considerou prudente não expressar mais sua oposição.

Durante o jantar, Lisa conversou com Agatha todo o tempo, o que motivou o comentário da mulher de um dos representantes da câmara, ao final da refeição:

- Observo que a filha do governador conversa animadamente com a mulher de Cross, o qual mostrou não concordar com a política do Sr. Dixie. Sua excelência acha que se tivesse perdido, eles aceitariam sua filha tal como vocês agora aceitam Agatha?

A explosão de uma bomba não teria causado maior efeito. Lisa levantou-se prontamente e falou:

- Certamente se o Sr. Cross fosse eleito, vocês seriam inimigos de todos. Nós, não, somos amigos de todo mundo. A luta foi só nas urnas e agora cabe a todos lutar pelo bem do Wyoming. Sinto-me honradíssima com a presença de Agatha em minha casa e sentiria muito mais com sua amizade.

A mulher que falara levantou-se também.

- Sabe de onde veio essa mulher?

- O importante é o que ela é agora. Devia pensar mais no que você própria faz e não faltar ao respeito com os outros ou a esta casa.

- Estou sendo insultada e você fica quieto? - perguntou a mulher ao marido.

- Você é a mulher mais mal-educada e presunçosa que já conheci - disse Lisa. - Se não estivéssemos em nossa casa e numa festa, eu a chicotearia em público. Saia daqui! Tenho pena de seu marido que tem de aguentá-la!

Agatha chorava, de cabeça baixa. Cross percebeu que sua mulher tivera razão ao elogiar Lisa. Era uma moça corajosa e de bom coração.

A mulher que discutira com Lisa saiu com seu marido, mas este, antes, dirigiu-se aos convivas:

- Rogo a todos que me perdoem. E você, senhorita, disse-me uma verdade. Estou envergonhado e lamento muito o escândalo provocado por minha esposa. Rogo que nos perdoem também, Sr. Cross e Sr. Dixie.

Saíram e Dixie falou:

- Lamento o incidente... Mas que isto não impeça ninguém de se divertir. Sem dúvida, aquela senhora bebeu demais e não está habituada...

Agatha sentia-se deprimida e pediu a Cross que a levasse embora. Lisa prometeu ir visitá-la na manhã seguinte.

Cross e Agatha foram-se em silêncio e, chegando à casa, ele falou:

- Você tinha razão, Lisa é admirável. E Dixie é um cavalheiro nato. Senti-me envergonhado por ser ela a defendê-la.

- É uma grande moça. Não procura minha amizade apenas para que você não combata o pai dela.

- Enganei-me com eles. O despeito tornou-me injusto. Creio que serei amigo de Dixie. Deram-me uma grande lição.

- Foram muito bons para mim, nunca esquecerei...

- Procure se acalmar, já acabou tudo.

Uma vez dentro de casa, Cross foi para seu gabinete e meditou sobre o sucedido. Tomou uma dose de uísque e pensou em sua juventude, sua família. Como mudara ao vir para Cheyenne, cheio de ambições e inveja!

Queria ganhar dinheiro e percebeu que só o ganharia ao lado dos grandes patifes da cidade. O que acontecera em casa de Dixie mostrou-lhe que descera demasiado. Sentia-se profundamente envergonhado.

Deslumbrado pelo muito dinheiro que ganhava, não percebera que amava Agatha. Esta noite descobrira a verdade.

Agora se arrependia por não ter punido os covardes que tentaram conquistar sua Agatha. Agora podia entender todo o sofrimento de sua mulher.

Sua covardia atingira o cúmulo quando insultara Lisa por defender sua mulher. Agatha tivera razão ao chamá-lo covarde e miserável. Felizmente estava arrependido.

Quando foi para o quarto, encontrou Agatha ainda chorando. Pediu-lhe perdão por todas as tolices que fizera e assegurou mudar seu procedimento.

- Lisa mostrou-me o caminho certo e verdadeiro.

No dia seguinte era comentado na cidade o acontecido em casa do governador. Quando Cross apareceu no bar de Joe este disse.

- Ouvi o que aconteceu ontem à noite. Você não devia ter ido àquela festa. Teria poupado sofrimento a Agatha.

- Verdade que a filha do governador insultou a mulher do Senador Steward? - perguntou Danielle.

- Sim. Lisa defendeu Agatha como se a briga fosse com ela própria. Disse que se não estivessem em sua casa chicotearia a mulher de Steward. Que moça corajosa, nunca pensei que fosse tão admirável.

- Parece ter mudado de opinião a respeito dos Dixie - disse Joe.

- Confesso que me enganei a respeito deles. Portaram-se muito bem conosco.

- Ouvi dizer que Dixie colocara-o ao lado dele na mesa. Pelo que vejo o vaqueiro é esperto. Trata de eliminá-lo como inimigo.

- Pensei muito no assunto e não acho que ele tenha esta finalidade. Havia sinceridade nele e em Lisa, quando defendeu Agatha.

- Cuidado, Ernest, não vá passar para o lado do inimigo. Medite nas consequências.

- Está-me ameaçando?

- Estou só avisando. Você é inteligente e ganha dinheiro como nosso advogado.

- Isso não tem nada a ver com o que aconteceu ontem.

- O governador está disposto a acabar com o vício nesta cidade. Sua amizade com ele seria mal vista por nossos amigos.

- Tal amizade só poderia nos ajudar.

- Não se engane, Cross, não se engane.

Joe se afastou. Danielle pediu detalhes sobre a festa a Cross e este a satisfez.

CAPÍTULO III

O governador olhou os homens em seu gabinete e falou:

- Chamei-os aqui para falarmos do que acontece nesta cidade e que tem de acabar o quanto antes. Tenho aqui a relação dos mortos desta semana. Vinte no total! Todos foram mortos em saloons e não se faz idéia de quem sejam os assassinos.

- São mortes ocasionadas por brigas e bebedeiras, governador - disse o xerife. - As testemunhas afirmam que são em legítima defesa. E assim não se pode prender ninguém.

- O que acha, juiz?

- O que o xerife disse é verdade, todas as testemunhas sustentam a tese de legítima defesa. Os mortos são sempre os provocadores das brigas.

- Que acaso! - exclamou Dixie. - Mas vocês se esquecem de um detalhe importante : Nasci e me

criei nesta terra. Como pode ter havido legítima defesa em dois casos, se os mortos não levavam armas?

- Não soube nada a respeito - disse o xerife, nervoso.

- Você, tão pouco? - perguntou Dixie ao juiz.

- Se soubesse teria mandado prender os culpados.

- Ambos estão mentindo. O agente funerário contou-lhes este detalhe.

- Disseram-me que roubaram as armas dos mortos nos lugares da briga.

- Não discutiam por causa de bebida e, sim, de jogo. Portanto tomem providências para que todos os estabelecimentos de jogo fechem suas portas. Não se joga mais nesta cidade. É preferível isto a uma guerra aberta, em que muita gente vai sair prejudicada. Antes prevenir que remediar.

- Creio que...

- Não é hora de crer e, sim, de renunciar aos cargos que ocupam.

Os dois acusados julgaram prudente obedecer. Quando saíram do gabinete não eram mais nem juizes nem xerife.

O ex-xerife foi para o bar de Joe.

- Que é de sua estrela? — perguntou Joe.

- Demiti-me. O governador obrigou-me.

E contou o que acontecera.

- Será que Dixie pensa poder evitar o jogo em Cheyenne?.

- E evitará. Se for preciso, os militares o ajudarão.

- Não haverá jogo abertamente, mas jogarão às escondidas.

- Onde for descoberto jogo o lugar será fechado e os responsáveis enforcados. Não brinquem com esse homem.

- Não se aflija. Mas você não devia ter largado o posto. Foi eleito legalmente.

- Por isto ele me obrigou a demitir-me, e o fiz para meu próprio bem. Do contrário teria cie fechar as casas de jogo e prefiro manter-me à margem desta luta.

- Duvido que ele feche os casinos. Mas depois que o xerife partiu Joe chamou Cross.

- Você é nosso advogado. O governador pode proibir o jogo na cidade?

- É um direito que ele tem. Por acaso pretende impedir o jogo?

- Exonerou o xerife do cargo porque este se opunha.

- Então é melhor acabarmos com o jogo. Não poderão com ele. Ele fechará todas as casas de contravenção.

- Se pensa que vai nos dominar pela força está enganado. Algum dinheiro e uma passagem de trem acabam com ele num instante.

- Meu conselho é obedecerem.

- Não vou obedecê-lo.

- Faça o que quiser. Depois não me peça para defendê-lo, porque não haverá defesa possível. Ele também é advogado.

Cross partiu, preocupado. Joe era bem capaz de mandar matar o governador.

Quando chegou a noite, havia vinte donos de cassinos e tabernas reunidos com Joe, o qual

lhes relatou o que soubera pelo xerife. Todos concordaram com a idéia de Joe, jogo clandestino caso viesse a proibição. Depois disto partiram, disposto a preparar um aposento em seus estabelecimentos para o jogo às escondidas.

De qualquer modo a proibição se referia a jogo nos saloons. Caso os proprietários quisessem jogar em seus aposentos particulares, ninguém os incomodaria. Achavam que com esta hábil interpretação resolveriam tudo.

O governador nomeou novas autoridades e chamou Leo, o editor do jornal, para imprimir uns cartazes que deviam ser espalhados pela cidade, em especial nos saloons.

O cartaz relatava a proibição de jogo em quaisquer dependência de estabelecimentos públicos.

Leo enfiou a ordem no bolso e foi ver Joe.

- Leia o que o governador mandou imprimir para espalhar na cidade.

Joe leu a ordem e começou a rogar pragas.

- Traição! Fomos traídos! Alguém lhe falou de nossos planos.

- Duvido, o governador é esperto assim mesmo. E conhece estas cidades. Deixa tudo bem claro para que não haja dúvidas, depois.

- Temos de acabar com esse patife!

- Cuidado com os militares!

- Então vamos cruzar os braços, enquanto ele arruina nossos negócios?

- É com vocês. Vim apenas relatar as novidades.

Leo saiu e encontrou o novo xerife na porta.

- O que lhe disse seu patrão? - perguntou aquele.

Leo empalideceu.

- Entrei para tomar um gole. Não tenho nenhum patrão.

O xerife sorriu e seguiu seu caminho. Por aí Leo soube que o haviam seguido o que era para ele um contratempo.

Rumou para a redação do jornal e começou a trabalhar nos cartazes. Três horas mais tarde o xerife passou por ali para recolher os que já estavam prontos.

O Naípe de Ouro estava cheio, quando ele apareceu lá com os cartazes. Observou o local um instante e pregou o primeiro impresso por cima de uma mesa de roleta.

Juntou-se um bolinho para ler a ordem.

Joe, que estava em seu quarto, foi chamado.

- Caramba! - exclamou. - Vê-se que o governador tem pressa em provocar.

Havia uma multa de mil dólares para quem desobedecesse a nova ordem e punição de dois meses na cadeia. Para o proprietário do bar a multa seria de dez mil dólares e a punição seis meses de cadeia, além de ter seu estabelecimento fechado.

Num instante as mesas ficaram vazias.

Joe seguia, rogando pragas. As festas se aproximavam e sem jogo o lucro seria praticamente nulo. Bebida não rendia quase nada.

Pouco depois, os demais donos de estabelecimentos, como o de Joe, foram visitá-lo. Lendo os impressos, chegaram a conclusão de que o plano de Joe não poderia ser posto em

prática. Joe acabou aconselhando que obedecessem por algum tempo.

A maioria dos jogadores, que não sabia fazer outra coisa para ganhar a vida, partiram para Laramie. Outros foram pedir ajuda econômica aos patrões até que pudessem jogar novamente.

Queriam que Cross fosse enfrentar o governador abertamente e, como este se recusou, consideraram-no inimigo.

Durante a primeira semana a proibição foi cumprida à risca. Na outra apareceu um projeto na câmara para que se revogasse tal ordem, uma vez que o jogo rendia muito ao estado.

O governador mandou chamar os quatro autores do projeto.

- Quanto ganham os donos de tabernas e casinos?

Os quatro homens entreolharam-se, receosos.

- Entendemos que não se deve privar o estado da renda proporcionada pelo jogo.

- Sabem de quanto é esta renda? Nenhum deles sabia.

- Oficialmente o estado não tem nenhuma participação nestes lucros. Como vocês descobriram?

- Bem, julgamos...

- São amigos de Joe Becker, não?

Os quatro homens permaneceram calados.

- Já vi que são, sim. Digam-lhe que perdeu tempo, fazendo amizade com vocês. Pedirei à câmara a cassação dos mandatos de vocês.

Os quatro sujeitos pediram perdão, afirmando terem sido ludibriados.

- Mentira, vocês são apenas quatro covardes embusteiros - afirmou o governador. — Joe paga-lhes mensalmente para que o defendam na câmara. Melhor para vocês pedirem a renúncia. Será mais decoroso que uma expulsão.

Quando saíram, os quatro homens iam furiosos.

- Foi o que ganhamos por ajudar a Joe — disse um.

- Não me importo de sair. Com o que ganhamos...

E sempre discutindo foram ao bar de Joe informá-los do fracasso. Joe compreendeu que a luta contra o governador estava sendo dura. Assustou-se, quando soube que Dixie conhecia sua ligação com os quatro homens.

Três dias depois apareceu o advogado de Laramie que ele mandara chamar. Este disse que o governador não podia proibir o jogo, sem consultar às duas câmaras, porém, quando o assunto foi levado às câmaras, todos os representantes amigos do grupo recusaram-se a ajudá-los. Sabiam o que acontecera aos outros quatro.

Enquanto discutia-se nos cassinos o caso do jogo, Lisa continuava visitando Agatha, diariamente, da qual ficava cada vez mais amiga.

Estavam juntas, quando ouviram comentários sobre o advogado de Laramie. Lisa perguntou por seu nome e deu risada quando responderam.

- É um miserável que odeia meu pai - esclareceu. - Quando papai souber...

Cross disse:

- É uma tolice desse advogado. Seu pai pode proibir o jogo no momento que quiser, tal como fez.

- Ele é um covarde - confirmou Lisa.

- Fala assim por ódio a meu pai. Está aqui a serviço dos taberneiros e donos de cassinos.

- Tal como eu antigamente - disse Cross. - Expulsaram-me e estou muito contente. Tinha medo de sair por causa de Agatha. Temia que a mandassem matar.

Lisa percebia que Cross mudava de dia para dia.

Quando voltou para casa, contou ao pai o que ouvira de Cross.

- Cross tem razão - disse Dixie. - E também por sentir medo desses covardes. São capazes de tudo.

- Está muito mudado.

- Acabará completamente diferente. E vou nomeá-lo juiz desta cidade e do condado.

- Não porá sua vida em perigo?

- Talvez, mas ele não é covarde. Combaterá o inimigo, se for necessário. E melhor que eu, por conhecê-lo.

- Acho que não vai concordar. Tentarão matá-lo.

- Joe será avisado que o enforcaremos se tentar contra a vida de Cross. E Joe, sim, é covarde.

- Será melhor não dizer nada a Cross.

- Ainda não chegou o momento. Quando achar conveniente, eu tratarei do assunto. Até lá, não comente com ele.

- Tranquiline-se, não o farei.

- Nem com a mulher dele - Lisa ria.

- Claro que não.

CAPÍTULO IV

O advogado Kent solicitou audiência com o procurador-geral.

- Venho para tratar de um assunto que julgo constitucional - disse, em seu gabinete.

- De que se trata?

- De uma proibição de jogo, decretada pelo governador.

- Tem algo a opor? Quem é você?

- Sou advogado em Laramie, mas com banca, também, nesta cidade. É sabido que uma decisão como esta tem de ser tomada pela câmara baixa e aprovada pela alta.

- Não o entendo. Não disse que era advogado? Impossível, então, que duvide do poder do governador para decretar tal ordem.

- Pelo que sei a Corte Suprema, presidida pelo senhor, deve intervir no assunto.

- Engana-se, não é da nossa alçada.

- Quando um governador toma decisões acima de suas atribuições, não há dúvida de que a Corte Suprema deve chamar-lhe a atenção, mostrando-lhe que abusa de sua autoridade.

- Não estamos diante de um caso assim.

- Mas o governador não pode revogar decretos das câmaras sem o consentimento delas.

- Quer-me dizer quando as câmaras tomaram alguma decisão com respeito ao jogo? O jogo nunca foi autorizado legalmente, portanto não há motivo para envolver as câmaras neste assunto.

- Então não há aprovação das câmaras?

- Devia ter-se informado antes. E não se surpreenda se eu mandar prendê-lo por andar difamando os outros... Mas, como já provou sua incompetência para exercer a advocacia, creio que me vou contentar em cassar-lhe o diploma.

- Perdoe-me... É que certamente me informaram mal.

- Tem algum documento que prove sua condição de advogado?

- Bem...

O juiz tocou uma sineta e apareceu seu secretário.

- Tome nota do nome deste senhor e dê ordem para que fique inabilitado como advogado. Levem-no ao gabinete do xerife e registrem-no lá.

O secretário levou Kent dali e, uma hora mais tarde, este estava impedido de advogar, tanto em Laramie quanto em Cheyenne.

Kent foi imediatamente ver Joe.

- Por sua causa não posso mais exercer minha profissão nesta cidade e em todo o Wyoming.

- Por minha causa?

- Sim, porque tentei defender seus interesses.

- Foi você que disse poder revogar a proibição.

- Perdi tudo... Tudo!

- O que aconteceu?

— Aconteceu que o jogo não estava autorizado legalmente no estado. E, portanto, as duas câmaras não tinham de intervir.

- Você sabia! Cross é um imprestável que nos enganou todo este tempo.

- Pensei que houvesse autorização legal... |

- Então não se pode fazer nada?

- Podem convencer o governador a retirar a proibição. E têm de me indenizar pelo que aconteceu.

- Não somos advogados. Foi você que pensou assim.

- Estou arruinado e por sua culpa.

- Não diga tolices, você não tinha competência mesmo. Pena que Cross nos tenha abandonado...

Kent foi para o hotel, onde permaneceu todo o dia e a noite, no quarto, terrivelmente abatido. No dia seguinte, foi ver Joe novamente e este informou que o governador mandara chamar Leo para que explicasse o que seu jornal dizia sobre a autorização das câmaras.

- Foi o que ouviu você dizer - acrescentou.

Leo atendeu ao governador, imaginando que o assunto seria o que dissera no jornal sobre as palavras de Kent a respeito da proibição.

Mas o governador não o esperava e sim o xerife, que levou-o preso por desrespeito ao governador. Quando a notícia da prisão se espalhou, Joe e seus amigos se amedrontaram.

- Esse homem não é de brincadeira - preveniu Danielle. - Inabilitou Kent como advogado e prendeu Leo.

- Pois se ele quer briga é o que vai ter - disse Joe. - Não admito que ninguém venha me dar ordens em Cheyenne. Sabe como sou conhecido por aí? O Imperador de Cheyenne...

- O que eu não sabia era que você acreditava nisso - disse Danielle, sorrindo.

- Pois lhe garanto que o governador vai se arrepender.

- Meu conselho é que você não deve cometer mais tolices.

Joe saiu e esteve fazendo visitas. Quando voltou, Danielle notou seu contentamento.

- Suponho que não mandou matar o governador. Uma falha e você pagará com a vida.

- Ele veio disposto a me arruinar. É um inimigo.

- Não pense que está sozinho. Cross é um dos que o defenderá. Se matarem o governador ele os denunciará à Guarda Nacional.

- Cross não dirá nada a ninguém.

- Outro erro. Você não conhece Cross, Joe.

- Não estou disposto a ouvir seus sermões, Danielle.

- Está bem, sabichão, faça o que quiser.

Mais tarde Joe falou com um amigo e contou-lhe que ordenara em um dos saloons que continuassem jogando para ver a reação das autoridades.

- As festas estão muito perto - disse o amigo.

- Sem jogo, vocês ganharão muito pouco.

- Por isto temos de mostrar ao governador que ele não pode fazer o que quer. Os rapazes precisam de diversão e diversão para eles é jogo.

- Não o convencerão. Conhece as leis profundamente e sempre foi muito teimoso.

Foram interrompidos por um empregado de Joe que veio falar-lhes sobre a manifestação de

homens de todas as classes que clamavam pela revogação da ordem que proibia o jogo.

O próprio Joe ordenara a meia dúzia de jogadores que iniciassem tal manifestação, a qual ganhara corpo inexplicavelmente.

Quando o governador foi inteirado do que acontecia, disse:

- Creio que a melhor forma de castigar esses tolos é deixá-los continuar e que sejam roubados no jogo.

- Não há dúvida de que merecem ser depenados.

- É incompreensível esse fanatismo pelo jogo. Sabem que são enganados e insistem em jogar. Chegaram queixas de outras cidades sobre a proibição.

- Por que não os deixa jogarem?

- Creio que o farei, mas os trapaceiros que forem surpreendidos usando seus truques serão presos. Está bem, eles mesmos quiseram.

Uma comissão dos manifestantes pediu para falar ao governador e foi atendida. Dixie surpreendeu-se ao ver que muita gente

respeitável da cidade figurava na comissão. Tudo que queriam era jogar até depois das festas, porque sustentavam, sem jogo as festas seriam monótonas e sem brilho.

- Decretei a proibição para o bem de todos - disse Dixie. - Escudados em toda classe de jogos, estão vendendo em Laramie e Cheyenne bilhetes de loteria clandestina que outros governadores não puderam combater. Com esta loteria estão saqueando as populações destas cidades. Mas se as próprias vítimas estão interessadas... que seja feita sua vontade.

- Só pedimos para suspender a proibição até depois das festas.

Dixie fitou o homem que falava. Fora senador em Washington e atualmente tinha participação na maioria das sociedade cuja matriz era na cidade. Também tinha ações de outras firmas fora do Wyoming.

- Ainda que estranhe, governador, gosto de jogar de vez em quando. Distraio-me muito com as cartas. Não arrisco muito dinheiro, mas gosto

de jogar. E o mesmo acontece com muitas outras pessoas honradas.

Durante as festas teremos convidados em nossas casas e levá-los apenas para beber é monótono.

- Já disse que minha atitude foi pensando no bem de todos, mas se vocês querem jogo... haverá jogo, somente até as festas. Depois a proibição voltará a vigorar.

Retiraram-se satisfeitos e mais tarde, ao jantar, Dixie falou sobre a visita.

- Deixe-os jogarem — aconselhou Lisa. - De qualquer modo jogariam clandestinamente.

- Surpreendeu-me ver Hudson encabeçando a comissão.

- O jogo é um vício muito forte nos homens - disse a mulher de Dixie. - Lembre-se de meu pai. Não era mau, mas o jogo o dominava.

- Amanhã suspenderei a proibição. Não quero ter todos os forasteiros que vierem às festas contra mim. Mas depois delas proibirei todo e qualquer jogo novamente.

Houve muita alegria na cidade, principalmente nos saloons, Joe voltava a ser o verdadeiro imperador, uma vez que o consideravam autor da manifestação que fizera Dixie mudar de opinião.

Dixie ordenou que libertassem Leo. Afinal, fora preso por se opor à proibição do jogo, Leo foi direto para o bar de Joe e, bebendo com este, comentavam, satisfeitos, a reviravolta da situação.

- Mas não gosto que ele tenha concordado sem lutar - disse Leo. - Tem algum plano em mente. Esse homem é astuto demais não confiem nele.

- Depois das festas a proibição voltará. Mas Hudson já está convencendo Cutler a propor ao governador a cobrança de um tributo especial por cada mesa de jogo, funcionando na cidade. Seria uma boa renda para a Administração, e Dixie não poderá ir contra os interesses do estado.

- Será uma boa medida, mas a câmara terá de examinar o assunto.

- Hudson levará a matéria a eles. É um sujeito inteligente.

A decisão do governador foi comentada em casa de Cross.

- Não devia ter concordado - disse este à mulher. - Foi uma grande bobagem de Dixie.

- Lisa disse que pessoas muito importantes da cidade foram visitá-lo.

- Dixie ainda tem muito que aprender. Nos saloons os miseráveis trapaceiros preparam-se para tirar todo o dinheiro dos visitantes durante as festas e o culpado será ele.

- Será bem feito, assim aprendem. Sabem que são roubados e insistem em jogar.

- Mas Dixie fez mal em voltar atrás. Não pode auxiliá-lo de nenhum modo.

- É apenas até as festas.

- Já ouvi comentários. Antes de acabarem as festas as duas câmaras vão concordar com a legalização do jogo, mediante um tributo. Há enormes interesses no meio e a ameaça, o suborno e a coação entrarão em cena para obterem maioria em ambas as câmaras. Opor-se

a isto será ir contra os interesses do estado, uma vez que os lucros serão consideráveis. Quantias verdadeiramente astronômicas. Com isto muitas obras de envergaduras poderão ser levadas a efeito. Há muitos estados e territórios em que o jogo é permitido.

- Eu não me oporia mais, mas garanto que faria a vida bem difícil para os trapaceiros.

- Há trapaceiros muito hábeis, difíceis de serem descobertos.

- Não diga, eles mesmos se descobrem. Não fazem outra coisa senão jogar. Basta fazer uma relação dos hóspedes de hotéis que passam o dia em seu quarto dormindo.

Cross sorria, ouvindo sua mulher.

CAPÍTULO V

- Monty está?

- Entrem, estou aqui - gritou Monty, do interior da casa.

Os dois jovens entraram. Aquela casa era uma das melhores de Laramie. Seu dono era um rapaz muito alto que no momento se achava em seu escritório, rodeado de livros. Levantou-se e foi ao encontro dos amigos.

Monty Clermont tinha um rancho a algumas milhas da cidade e costumava passar temporadas lá. Principalmente durante as férias da faculdade. Os dois amigos, que entravam também, eram rancheiros e estudantes.

Iam sempre juntos à faculdade, onde tinham o apelido de Centauros Gigantes, por sua elevada estatura e extraordinário amor aos cavalos.

Monty apertava a mão de seus amigos Edward Granam e Lorne O'Neill, quando bateram na porta outra vez.

- Deve ser Fred - disse Monty à empregada que atendia a porta. - Pedi-lhe para vir, também.

Um velho vaqueiro entrou, reclamando.

- Caramba! Os Três Centauros. Já não me deram bastante guerra?

- Queremos que você comprove se somos realmente trapaceiros como você diz --falou Monty.

- Foi uma tolice minha ensinar-lhes os truques usados pelos trapaceiros. Também não devia ter ensinado como ganhar sem truques, porque é perigoso. Vocês podem se tornar trapaceiros de verdade e seriam terríveis. Naturalmente se só usarem seus conhecimentos diante de trapaceiros será admirável.

- Pois eu o mandei chamar para que verifique se aprendemos tudo mesmo.

- Já disse que são mais perigosos do que Fred "Habilidades" foi - sorriu o velho.

- Vamos comprovar, porque necessitaremos do que você nos ensinou.

- Não me digam que vão desafiar esses patifes. É perigoso. Mais de uma vez pensei nisto.

- Não se preocupe com o uso que faremos de seus ensinamentos.

- Três bons advogados! - exclamou o velho vaqueiro.

- A lei dos naipes nos fará mais falta que a dos homens. E vamos examinar agora mesmo.

Os dois amigos fitaram Monty.

- Está falando sério? — perguntou Lorne.

- Claro que estou.

- Mas tínhamos jurado não pôr em prática estes conhecimentos...

- As circunstâncias agora o exigem. O professor me escreveu e pediu nossa ajuda.

- Dixie?

- Exatamente.

- E como podemos ajudá-lo, trapaceando no jogo?

- Será melhor lerem sua carta, assim entenderão.

Enquanto os dois a liam, Monty indagou:

- Como vai o rancho, Fred?
- Sem novidades.
- E aqueles potros?
- Cada dia mais velozes. E não são mais potros, são cavalos adultos. Não haverá competidores para eles este ano.
- Então se é assim iremos até Cheyenne.
- Podem levá-los até Saratoga e Filadélfia se quiserem e mesmo lá ganharão.
- Não me surpreendo. Você é o melhor treinador que existe. Eh, Fred, nunca lhe perguntei sua idade... Quantos anos tem?
- A troco de que quer saber?
- É que nunca o achei tão velho quanto você quer parecer. O que acontece é que você ganhou cãs antes do tempo.
- Acho que você tem razão, Monty - disse Lorne, acabando de ler a carta. - Temos de ajudar Dixie. Será um bom castigo para os que não gostaram de sua vitória na eleição.
- Teremos de usar a lei do chumbo, também.
- Naturalmente. Não deixaremos ninguém rir do professor.

- E agora ao trabalho.

Estiveram lidando com as cartas por mais de duas horas e, por fim, Fred exclamou:

- É assombroso! Vocês têm vista muito melhor que eu. Pobres daqueles que forem enfrentá-los.

- Acha que temos condições?

- Se têm? Puxa, creio que no momento não há nenhum trapaceiro mais esperto que vocês em toda a União. Um em cada mesa, num saloon, limpariam todo o saloon numa noite.

- Se tivermos sorte - observou Lorne.

- Creio que vocês precisam de muito pouca.

- Iremos às festas de Cheyenne. E esta noite, vamos percorrer os saloons. Observaremos as roletas e você nos dirá se falhamos no emprego do sistema que você ensinou.

Os quatro amigos saíram e foram comer num restaurante de luxo na cidade.

- Monty! Acha que fica bem para um Delegado U.S. trapacear numa mesa de jogo?

- Há pessoas importantes em Cheyenne que afirmam ser o jogo um passatempo muito divertido. Devo dar-lhes razão.

Apesar de terem terminado os estudos de advocacia, os três amigos eram conhecidos na cidade também por "Os Três Selvagens". Quando ainda estudavam iam para a faculdade a cavalo e, embora usassem roupas de cidade estavam sempre por perto de seus cavalos. A maior parte do tempo passavam-no nos ranchos, principalmente no de Monty, que era vazio; nos outros dois havia as respectivas famílias dos donos. As moças casadouras da cidade sentiam muito sua falta nas festas e reuniões.

Entraram no restaurante e foram saudados por alguns conhecidos; os forasteiros olhavam-nos, impressionados por sua altura.

Lorne e Edward avisaram que teriam de comunicar a suas famílias a ida a Cheyenne.

- E não ocultarei o motivo desta viagem - disse Lorne, ainda. - Minha- família gosta muito de Dixie. Vocês sabem que o rancho dele é perto

do nosso. Creio que ficarei contente em ver Lisa outra vez.

- Ficou muito bonita ultimamente - observou Monty.

- Sempre foi - falou Edward. - Era a mais bonita da faculdade.

- Mas arisca e perigosa como uma leoa.

- Deve ter seus motivos - disse Monty. Pediram a refeição e, enquanto comiam, aproximou-se um sujeito para dizer:

- Fazia tempo que não eram vistos juntos... Desde que o professor fez sua campanha eleitoral. Já devem saber da tolice que cometeu em Cheyenne... Tentou proibir o jogo. Naturalmente teve de voltar atrás. Se o tivesse tentado aqui, seria linchado, mesmo sendo governador.

- Você o odeia porque ele o reprovou - disse Lorne. - E a culpa foi sua, por não ter estudado.

- Ele me perseguia. Para vocês foi sempre um ídolo. Pois agora está fazendo uma série de bobagens.

- Por quê? - perguntou Monty, rindo.

- Por querer proibir o jogo.

- Sei porque você não aprovaria tal medida. Seu pai não ganharia tanto dinheiro com seu saloon como ganha atualmente.

Mas muitos vaqueiros e mesmo rancheiros conservariam seu dinheiro por mais tempo.

- O que pretendem dizer? Agora não estamos na sala de aula.

- Você abandonou a faculdade há muito tempo.

- Não quis brigar com aquele covarde.

Os três amigos ficaram de pé imediatamente. Monty foi o primeiro a golpear o indivíduo, por estar mais perto, porém os outros dois também o fizeram.

O camarada ficou com o rosto todo ensanguentado e perdeu os sentidos instantaneamente.

Os três amigos continuaram comendo calmamente. Levaram o ferido para o médico mais perto e este quis saber com que o golpearam. Quando disseram que apenas com os punhos exclamou:

- Caramba, que força!
 - Foram os Centauros.
 - Então é fácil de entender. O que houve?
- Contaram-lhe eeêele disse:

- Esse rapaz nunca apreciou Dixie. Pensa que Dixie o perseguia. Saiu da faculdade porque gostava mais de jogar e beber. Seu pai gosta de vê-lo jogando em seu bar. Diz que o filho não precisa estudar.

- Quando souber desta surra aqueles três vão passar maus bocados.

- Mas o castigo foi justo. Pouco depois chegou o pai do rapaz que fora surrado.

- Permitiu que o surrassem e não matou aqueles três! Pateta!

- Pegaram-me de surpresa.

- Não devia ter falado mal do governador - interveio o médico. - Sabia que foram os alunos preferidos de Dixie e que gostam muito dele.

- Grande governador foram eleger... Foi um imbecil querendo proibir o jogo em Cheyenne. Por que não tentou o mesmo aqui? Porque os vaqueiros o linchariam imediatamente. Mas viu

que era besteira e reconsiderou sua atitude. - O doutor ficou em silêncio. - Sei que também gosta de Dixie - acrescentou o pai do ferido. - Mas ele se portou muito mal com meu filho, inclusive se aborreceu comigo, porque ofereci cinco mil dólares pelo rancho. Duvida que valha tanto.

- O rancho dele é muito bom e tem bastante gado.

- É o que ele diz.

- Sou o médico da família e estive lá várias vezes. Asseguro-lhe que o rancho é bom. Uns seis mil acres.

- Pois eu odeio Dixie!

- Não está sendo justo. Seu filho não estudava...

- Não precisava estudar.

- Então não devia ter ido à faculdade.

- Meu saloon lhe renderá muito dinheiro quando eu o passar às mãos dele. Não ganharia nem a metade como advogado.

- Se não estudava, Dixie não podia aprová-lo.

- Aprovou outros menos estudiosos - disse o ferido.

- Não adianta, que não convencerá o doutor - disse o pai. - Já ouviu-o dizer que é médico da família. Não sei porque o trouxeram aqui.

- Trato dele o melhor que posso.

- Há médicos melhores na cidade. Acabe logo, que quero levá-lo a outro.

- Já pode levá-lo. Não é nada grave. Sua sorte foi ter desmaiado logo aos primeiros golpes, senão podia ter apanhado mais e seria pior.

- Cuidaremos daqueles três.

- Quero matá-los pessoalmente, pai!

- Está bem, já devia tê-los matado há mais tempo.

Pagaram cinco dólares ao médico por seu trabalho e saíram, passando pela casa de outro médico.

- Não convém tirar as ataduras agora - disse este. - Foi bem tratado, estejam tranquilos.

- Aquele médico me odeia, é muito amigo de Dixie e sabe que eu não sou.

- O doutor só viu em seu filho o paciente. Eu não faria trabalho melhor. Este doutor é o melhor cirurgião que temos em Laramie.

- De qualquer modo gostaria que você verificasse seu trabalho. Não confio nele.

Irritado com o taberneiro, o médico tirou as ataduras do ferido e procurou fazê-lo sofrer o quanto pôde. Este gritava como um possesso e o doutor ria.

- Uma excelente cura - disse este, por fim.

Elkton saiu, levando o filho para o saloon, formou-se um grupo em volta dos dois. Todos queriam detalhes do acontecido e Elkton afastou-os, levando o filho para o quarto.

Voltou ao saloon e falou com alguns indivíduos:

- Meu filho quer matá-los pessoalmente, mas quem deve cuidar disso são vocês.

- Deixe conosco, que o mataremos - prometeu um dos sujeitos.

Elkton sorria, vendo os dois pistoleiros saírem.

CAPÍTULO VI

- Não vão beber nada? Só vão ficar falando?

- Cale-se e tenha calma. Estão-nos informando do que aconteceu ao filho de Elkton. Mas sirva-nos uísque, de qualquer modo.

- Assim é que gosto de ouvir — disse o garçom. - Soube que o surraram, mas não pensem que o pai ficará quieto. É o único filho que tem e aprecia-o muito.

- Não devia ter insultado o Governador.

- Um Governador que tenta proibir o jogo em Cheyenne merece ser insultado.

- Não vejo por que. Parece-me uma boa medida. Teríamos dinheiro no bolso por mais tempo.

- Se não querem jogar, ninguém os obriga, mas deixe jogar quem quer.

- Não discuta - disse o elegante dono do local. - Cada um pode pensar como bem entender.

O garção calou-se.

- Forasteiros? - perguntou o dono.
 - Não. Estamos num rancho das redondezas.
 - Pensei que conduzissem gado. Nunca os vi por aqui.
 - É a primeira vez que entramos neste bar.
 - De modo que não gostam de jogo?
 - Pelo contrário, mas assim perdemos nosso ordenado muito depressa.
 - Quer dizer que não têm sorte?
 - Claro que não - disse um dos vaqueiros. - Por isto teremos dinheiro por mais tempo com a proibição do jogo.
 - Vão-se aborrecer.
 - Logo nos acostumaremos.
 - De qualquer modo Dixie não poderá levar avante a proibição. Odeia o jogo porque um dia lhe ganharam dois mil dólares numa mesa de pôquer. Não pode ser razão para impedir os outros de se divertirem.
- Os vaqueiros beberam e o proprietário do bar ficou junto a eles. Um freguês lhe disse:
- Soube o que aconteceu com o filho de Elkton?

- Sim. Quase que os Três Centauros o mataram.

- Vi dois amigos de Elkton à procura deles. Creio que estão dispostos a matá-lo.

- É uma reação natural de Elkton, trata-se de seu filho.

- De qualquer modo deve ter cuidado com o xerife. Ninguém entende como durou tanto.

- Não ousará enfrentar Elkton.

- É um tipo muito estranho. Surpreendeu a todos com suas atitudes. É um homem honrado e amante da lei.

- Só tem a perder se continuar assim. Não durará muito mais tempo.

Outros fregueses se juntaram a eles e a palestra continuou. O dono do saloon espantou-se quando um dos quatro vaqueiros lhe disse:

- Referem-se àqueles três rapazes muitos altos que se formaram em advocacia e também são rancheiros? Os tais que chamam de Centauros?

- Foram estes que surraram o filho de Elkton à traição.

- Crê que precisariam pegar o filho de Elkton de surpresa? Qualquer deles surraria esse j anota com um braço amarrado nas costas.

- Veremos se fazem o mesmo com os dois que os procuram.

- Pistoleiros? — perguntou um dos vaqueiros.

- Se pensa que vão atirar pelas costas está enganado. Eles sabem sacar uma arma.

Mas o dono do bar estava preocupado,

- Na verdade este é um assunto que não me diz respeito - falou.

- Elkton não gostaria de ouvi-lo falar assim, afinal são amigos. É uma pena que o filho não tenha morrido. É pior que o pai.

- Vocês são uns provocadores e querem é briga - disse um dos acompanhantes do taberneiro, que se via ser jogador profissional.

- E você é um covarde - retrucou um dos vaqueiros.

Quando os quatro vaqueiros saíram do bar, o dono e seus amigos tiveram de ser socorridos às pressas, pois foram surrados por aqueles.

Minutos mais tarde os quatro vaqueiros entraram no bar de Elkton. Elkton comentava com amigos o que acontecera ao filho. Os vaqueiros acercaram-se do balcão, pediram bebida e ouviram a conversa.

- Duvido que façam o mesmo com os dois que foram pegá-los - dizia Elkton.

- Sabe que esses três rapazes não estão armados? - perguntou um dos vaqueiros.

- Não quer que lutem a murros, quer?

- Mas você sabe que estão desarmados?

- Tanto melhor. Tudo que quero é vê-los castigados.

- Covarde! Assassino!

Houve murros, tiros, estragos...

Quando os quatro se retiraram deixavam três cadáveres. Várias garrafas, mesas e cadeiras quebradas e Elkton estava no chão com a mandíbula e o nariz partidos, além de várias costelas fraturadas.

Daí a pouco chegaram os dois pistoleiros, anunciando não encontrarem os Três Centauros.

Elkton foi levado para seu quarto e chamaram o coveiro.

- O que houve? - perguntaram os pistoleiros ao garção.

O garçom contou o que acontecera.

- Rebentaram Elkton... Não sei se vai sobreviver - acrescentou.

- Quem são esses vaqueiros?

- Um sujeito disse que são de um rancho dos Centauros, o de Monty.

- Se tivéssemos chegado a tempo...

- Não pensem que teriam feito alguma coisa. Esses três que morreram eram exímios atiradores e, no entanto, estão mortos.

O doutor, também chamado, compareceu e examinou Elkton.

- Que selvajaria! - exclamou. - Quem fez isto?

- Os vaqueiros de um dos Centauros.

- Eu sabia que um dia lhe amarrotariam.

Elkton exagera pensa que é o dono da cidade.

Daí a pouco chegou o filho de Elkton, ainda com as ataduras, perguntando o que acontecera..

- Não devia ter mandado outros pistoleiros. Falei que queria matar os Centauros pessoalmente. É grave o estado dele, doutor?

- Creio que sim. Seria melhor que fosse tratado pelo médico que o atendeu.

- Meu pai não gostaria. Foi insultado por ele.

- Ele tem que ser operado e não me atrevo a tanto. O castigo foi brutal, fraturaram-lhe o nariz e o queixo.

O doutor mandou buscar seus instrumentos e ficou várias horas tratando do ferido.

Entrementes, no saloon, os dois pistoleiros continuavam afirmando que se estivessem ali aquilo não teria ocorrido.

Daí a pedaço chegou o xerife e interrogou as testemunhas. Depois encarou os dois pistoleiros de Elkton.

- Eram vocês que estavam atrás dos três Centauros, não?

- Caramba, como o xerife é inteligente ...

- Sabiam que eles estão desarmados?

- Que culpa temos? Soube o que aconteceu aqui? Três homens morreram e Elkton está em estado grave.

- Deviam tê-lo morto, também. Mandou assassinar os três amigos.

- Acho que começo a me aborrecer com sua presença, xerife.

- Lembrem-se que não estou desarmado como os três que vocês iam assassinar. Se tivessem chegado a tanto, eu os enforcaria.

De repente, os Três Centauros apareceram no local, usando trajes de vaqueiros e portando revólveres.

- Afaste-se, xerife - disse um deles.

- Caramba, que estrago os rapazes fizeram - admirou-se Monty. - Deviam estar zangados.

- Nós não estávamos aqui - falou um dos pistoleiros de Elkton.

- Naturalmente, do contrário não estariam vivos.

- Pensa que é fácil nos matar?

- Tenho certeza - disse Monty.

- São dois novatos - comentou Lorne. E os dois pistoleiros tentaram sacar, sem resultado.

- Muito mais novatos do que imaginou, Lorne - disse Monty, tornando a guardar a arma no coldre.

O xerife sorria.

- Claro que diante de você eram de chumbo.

Elkton, que abrisse os olhos, embora não pudesse mover a mandíbula, fitou o doutor e o filho ao ouvir os tiros. Logo seus olhos brilharam de alegria.

Uma mulher saiu e foi lá fora ver o que acontecera.

- O que houve? - perguntou, ansioso, o filho de Elkton, quando ela voltou.

- Mataram Jules e Hector. Aqueles três rapazes muito altos... O xerife está no saloon também e aprovou as mortes. Apenas um deles atirou e matou Jules e Hector.

A alegria de Elkton tornou-se pânico. O mesmo sucedia com seu filho, que tremia como vara verde.

Correu e trancou a porta do quarto, temendo a entrada dos Centauros ali. O doutor riu discretamente.

- Já se foram - disse a mulher. - Quando cheguei ao saloon estavam saindo.

Elkton e seu filho sentiram-se mais calmos.

As dores voltaram e Elkton recomeçou a gritar. Fitava seu filho com ódio, sabendo-o responsável pelo que acontecera a ambos.

No saloon dominava o medo, também. O xerife mandou juntar todos os cadáveres e avisou o coveiro que se apressasse.

- Tudo teria sido evitado se o filho de Elkton não fosse tão presunçoso.

Mais tarde o xerife comentou o caso com seus amigos.

- Queriam matar-me também.

- Haverá confusão nos saloons por causa do que ocorreu a Elkton. Era um dos chefes.

- Quem dera que a lição lhes bastasse.

- Vão é ficar mais irritados ainda.

- Mas aqueles três rapazes são perigosos. Se continuarem assim, muito mais gente ainda vai morrer.

Instantes depois um advogado pediu permissão para entrar no gabinete do xerife, onde conversavam.

- Venho protestar, em nome de toda a cidade, contra o que aconteceu a Elkton e seu filho. Todos esperavam que a estas horas, os assassinos e desordeiros já estivessem presos. Ainda esperamos que sua prisão seja efetuada.

- Quando se vão convencer de que o atual xerife não é um palerma? Os que morreram já o fizeram tarde e Elkton devia estar entre eles. O império do terror que impuseram nesta cidade não pode continuar, enquanto eu for xerife. Diga a Elkton que lamento os vaqueiros não o terem enforcado. Para o futuro ele pensará duas vezes antes de dizer bobagens.

- Não falei com ele e ele tão pouco pode falar. Quebraram-lhe o queixo.

- Então quem o mandou aqui? Em que reunião de covardes falaram de mim? - O

advogado recuou, amedrontado. - Você é um covarde, advogado! Antes de abandonar meu cargo ainda terei o prazer de enforcá-lo! Sei que você é quem mais fala mal de mim e já aconselhou minha morte diversas vezes. O xerife esbofeteou-o com força. - Fora daqui - gritou.

O advogado saiu correndo e limpando o sangue do nariz.

CAPÍTULO VII

O cavaleiro caminhava lentamente puxando sua montaria. Usava botas altas de montar e dois revólveres, mas a camisa era de mineiro e imunda. Era alto e magro, mascava um palito de fósforo e olhava em todas as direções. Teria uns trinta anos e sardas no rosto, o cabelo era ruivo.

Os coldres eram abertos em baixo e apareciam as pontas dos revólveres.

Parou diante do hotel, amarrando o cavalo na barra, pegou seu alforje e entrou. O porteiro fitou-o, curioso.

- Olá! - exclamou o sujeito. - Há um quarto reservado para mim?

- Qual o seu nome?

- Mason.

- Ah, sim. Reservaram há dois dias.

- Dê-me a chave e diga-me o número. Preciso tomar um banho. O porteiro obedeceu.

- Trate de meu cavalo lá fora. Faz horas que não come.

- Trataremos dele imediatamente, não se preocupe.

O recém-chegado se afastou e o porteiro enxugou o suor do rosto, logo entrando no gabinete do dono do hotel, ali ao lado.

- Chegou! Está-se lavando.

- Está bem, não se mova de seu lugar. O dono do hotel saiu e foi ter a um saloon. Aproximando-se de um homem que fumava charuto, sentado a uma mesa, balbuciou:

- Chegou!

- Obrigado. Diga-lhe para vir ver-me. Uma das empregadas ouviu a conversa, mas fingiu não ter percebido. O dono do hotel se retirou e ela continuou com seu trabalho, observando o patrão disfarçadamente.

Pouco depois ele se levantou e disse alguma coisa ao garçom, logo enfiando-se em seu quarto. A empregada estava sempre de olho. Passaram-se os minutos e, então, ela ouviu uma voz a seu lado:

- É Martyn?

- Mason?

- Então me conhece?

- Disseram-me que você deve entrar naquele quarto.

A empregada ficou pálida, embora ninguém tivesse notado.

- Mande alguém levar-me uma dose dupla de uísque - disse Mason ao garçom.

A empregada, segurando uma bandeja com bebidas, pediu a uma colega:

- Quer fazer meu trabalho? Não me sinto bem... mas logo estarei boa outra vez.

- Está bem.

Cinco minutos depois ela saía por uma porta traseira e começou a correr. Entrou no gabinete do xerife sem bater e encontrou-o em companhia de Fred e os Três Centauros.

Ficou desconcertada ao ver que o xerife não se achava sozinho.

- Entre, Laura - disse este. - Que deseja a esta hora?

- Tenho de voltar logo e quero falar-lhe em particular.

- Fale, eles são de confiança.

- Mason chegou. Está falando com Martyn. O dono do Hotel Kansas foi quem avisou meu patrão. Vá embora, xerife, ele veio para matá-lo.

- Volte para o saloon e não se aflija. E o xerife empurrou suavemente

Laura para fora.

- Quem é Mason? - perguntou Monty.

- Coldre Furado? - perguntou Fred. O xerife fitou-o, surpreso.

- Já ouviu falar nele?

- Quem não ouviu? Muito perigoso...

- Laura tem razão para ficar apavorada? - indagou Monty.

- Claro - retrucou Fred - ela soube avaliar o perigo perfeitamente. Quem é Martyn, Parker?

O xerife arregalou os olhos, assombrado.

- Como sabe meu nome?

- Você é muito parecido com seu irmão. Gêmeos?

- Sim.

- Sabia que ele tinha um irmão... Quando o vi pensei que fosse ele, mas sabia-o morto. Foi Mason que o matou, não?

- Sim.

- Não o enfrente. É o pistoleiro mais rápido que conheço.

O xerife sorria em silêncio.

- Não me lembro de já tê-lo visto - disse a Fred.

- Conheci seu irmão, não você. Se não se parecesse tanto não o teria reconhecido. Quem é Martyn?

- Dono de um saloon. Reconheci-o há algum tempo, mas não me lembrava do nome dele, agora lembro-me: é o irmão mais velho de Mason. Minha semelhança com Jack o fez suspeitar dos motivos de minha presença aqui. Fui estúpido não considerando esta semelhança. Imaginei que não me conhecessem, mas vendo-me fatalmente descobriram a verdade.

- Não deve enfrentá-lo - insistiu Fred. - Lembre-se que matou seu irmão.

- Foi à traição. Chamou-o e quando Jack se voltou levou a bala no peito.

- Tenha cuidado mesmo assim.

Os quatro amigos saíram e Fred disse:

- Conhecem o bar do Martyn?

- O que pensa fazer? - perguntou Monty, notando a palidez de Fred. Vinha notando-a já há alguns minutos.

- Quero conhecer esse saloon.

- Quer é enfrentar Mason, não é?

- Já disse que quero apenas conhecer o saloon.

- Não precisa mentir para mim, Fred. Está preocupado com o xerife e quer enfrentar Mason em seu lugar. Conte conosco para qualquer eventualidade.

- Não quero lutar com ninguém. Quero só ver Martyn.

- Você mente, Fred. Quer enfrentar Mason em lugar do xerife.

- O xerife é muito rápido com o revólver, mas Mason é cheio de truques. Atira com os

revólveres no coldre sem precisar sacar. É o pistoleiro mais perigoso que já conheci.

- Por que matou o irmão do xerife?

- Porque ele era delegado e o perseguia. Se lutassem lealmente talvez ambos morressem. Mas Mason usou de seus truques baixos.

- Então quer mesmo enfrentar Mason, não é?

- Vou matá-lo. E não é por temer pela vida do xerife, acontece simplesmente que quero matá-lo eu próprio.

- Confesse que teme pela vida do xerife, Fred.

- Está bem, é verdade.

- E você pode com Mason?

- Creio que sou o único capaz de vencê-lo.

- Ele o conhece?

- Meu cabelo branco o despistará.

- Quer dizer que se conhecem - falou Lorne.

- Sim.

- E também conheceu o irmão do xerife, não?

- Sim, foi um grande sujeito.

- O xerife deve ter perseguido Mason muito tempo, não?

- Claro. Alguém lhe disse que Mason viria para cá e por isto ele aceitou o cargo de xerife. O erro do xerife foi não pensar em sua semelhança com Jack.

- Onde conheceu Jack?

- Em Kansas. Foi morto em Wichita. E Kansas é o nome desse saloon. Os Mason são de lá.

- Disse que o xerife era delegado?

- Delegado U. S. Mason pertenceu a um bando de assaltantes e, por isto era perseguido. Um condutor de gado amigo meu, de Wichita, falou-me a respeito. Estranho é que Mason conserve seu nome. Naturalmente é a vaidade, gosta de causar pânico e sentir-se temido. Quando o conheci, sua fama estava no princípio. Ele começou ganhando o concurso de revólver em Dodge. Dois anos depois venci-o em Wichita. Devia tê-lo morto naquela noite, mas ele estava bêbado e preferi não fazê-lo. Quando soube que ele matou Parker arrependi-me. Parker derrotou Mason em Hutchinson, onde tinham uma

fazenda. Também era advogado, e, por isto gostei de vocês. Fazem-me lembrar dele.

- Você também é de Wichita, Fred? — perguntou Edward.

- Não, mas trabalhei lá. Parker queria que eu fosse seu ajudante, mas não aceitei. Fiz bem, porque mais tarde tive de matar uns boiadeiros e ladrões de gado. Parker teve coragem bastante para não me criticar. E os caras eram os donos de Wichita. Cheguei a pensar que condenara Parker à morte.

Pararam diante do saloon de Martyn. e Edward entrou na frente. Laura reconheceu-o e disse-lhe que tinham ido ao leilão. Quando soube, Fred saiu correndo:

- É lá que vão provocar o xerife!

Os três amigos o seguiram e, passando diante da cadeia, tranquilizaram-se ao ver o xerife em seu gabinete.

Passaram direto e pouco depois chegou um vaqueiro, anunciando ao xerife:

- Xerife, há um forasteiro na praça do leilão falando mal de você e assegurando que se você

ainda está vivo é porque ele nunca veio aqui antes.

- Está sozinho? - indagou o xerife.

- Deve ser condutor do gado que chegou hoje.

O xerife percebeu um detalhe muito significativo; as mãos daquele sujeito não pareciam as de um trabalhador. Seu rosto tão pouco parecia o de um homem que vive ao ar livre. Suspeitou dele imediatamente.

- Como é esse forasteiro?

- Não tem nada de especial.

- Por que fala de mim?

- Não sei. Alguém deve ter comentado a seu respeito.

- Não reparou se estava sozinho?

- Não.

- Por que veio me contar?

- Não gosto que falem de quem não está presente.

- Foi Mason ou Martyn que o mandou?

O vaqueiro espantou-se. Mais ainda ao ver o Colt que lhe era apontado.

- Entre! - disse o xerife.
- O que significa sua atitude?
- Entre, já disse.

O camarada obedeceu e o xerife desarmou-o.

- Agora fale.

- Não me mate! É verdade que Martyn me mandou aqui.

- O irmão dele está com ele?

- Um tal de Mason está com ele. E fala mal de você para que todos ouçam.

- De modo que você participou do plano para me matar...

E o xerife deu vários tiros nele. Recarregou o revólver e saiu. Entraria na praça por um lugar diferente.

Fred chegou na praça com os Centauros e ouviram comentários sobre o sujeito que provocava o xerife.

- É Mason - disse Fred. Misturaram-se com os curiosos e acercaram-se de Mason.

- Aí está o assassino covarde - disse Fred. - O que está com ele é seu irmão.

- E os outros dois? — perguntou Monty.

- Cuidem deles - disse Fred.

- Aposto como o xerife montou a cavalo e a essa hora já está fugindo - dizia Mason.

- Por que fugiria? - falou Fred. - O xerife desta cidade não é um covarde e todos sabem.

Os curiosos abriram caminho e Fred ficou frente a frente com Mason.

- Por acaso é você o xerife? - perguntou Mason, rindo. - Gostaria de falar com ele.

- Sei que o que você gostaria mesmo é de matá-lo pelas costas como fez com o irmão dele. Mas ele não se deixará enganar.

- Não sei do que você está falando, vaqueiro.

- Veja seu irmão como ficou pálido.

- Meu irmão? - Fred deu risada.

- Vejo que não me reconhece, Mason. Esqueceu-se de quando o derrotei em Wichita. E aquela noite eu devia tê-lo matado, ainda que você estivesse bêbado.

- Habilidades! - exclamou Mason, reconhecendo-o. - Mas já está muito velho ... Como ousa me provocar?

- Diga a todos como o derrotei naquele dia. - Já aprendeu a atirar?

Martyn e os outros dois que o acompanhavam sentiram subitamente que lhes encostavam revólveres nas costas e mãos ágeis os desarmavam. Mason deu uma gargalhada.

- Fiquei nervoso naquele dia...

- E agora está calmo?

- Pare, Fred! - gritou o xerife, chegando às pressas. - Sei que você era amigo de meu irmão mas quem deve matar Mason sou eu. Não tema, ele não pode comigo. Eu o matarei.

Mason jogou-se no chão e dali abriu fogo. Mas seu corpo saiu dando voltas pelo solo, empurrado pelas balas de Fred e do xerife.

- Três cordas para esses caras, Fred! - gritou Monty.

- Não temos culpa de nada - balbuciou Martyn.

- Três cordas! - gritou Fred para a multidão.

Num instante apareceram as cordas e os três patifes foram executados.

- Obrigado, Fred - disse o xerife. - Agora não tenho mais o que fazer aqui. Vou embora.

- Deve esperar - disse Monty. - Gostaria de lhe pedir um favor.

CAPÍTULO VIII

Os forasteiros chegavam aos montes à Capital e os saloons novamente mostravam-se repletos. Até o fim das festas o jogo seria livre.

Entrementes havia um projeto em estudo sobre um tributo de um milhão de dólares anualmente. O próprio Governador se entusiasmou, por ser uma quantia bastante elevada.

Lisa acabou de convencê-lo a não se opor ao projeto.

- De qualquer modo sempre jogarão. Então que paguem imposto.

- Acho que você tem razão. Um milhão por ano é bastante dinheiro. E se o negócio da loteria também der resultado são mais dez por cento de tributo para o Estado. Talvez outro milhão por ano.

- Agatha disse que Cross afirmara que, caso oficializem a loteria, esta pode render perto de cinco milhões anualmente para o Estado.

- Assim poderíamos construir um excelente hospital e melhores estradas...

- Não se oponha, papai. Tudo que fará é retardar um pouco a oficialização do jogo, porque seu sucessor o fará. Se os tolos perdem dinheiro para jogadores desonestos a culpa é deles mesmos.

Decidido a não combater mais o projeto, o Governador falou com Hudson, dias mais tarde, sobre o assunto.

- Meu conselho, Governador, é que deve concordar. De qualquer modo jamais impediria os homens de jogarem.

- Meditei no assunto. Se a renda anual for considerável, creio que concordarei. Com esse dinheiro daremos progresso ao Wyoming.

- Gosto de ouvi-lo falar assim. Sua atitude anterior foi bastante impopular, embora seus propósitos fossem bons.

- Inclusive pensei em oficializar a loteria, também. Talvez o próprio Estado pudesse explorá-la, como em muitos países da Europa.

Hudson, no entanto, foi totalmente contrário à idéia, para espanto de Dixie. Queria que particulares explorassem a loteria e o Estado cobrasse apenas um imposto.

Quando se separaram, Dixie meditou no assunto e descobriu a razão de Hudson: era ele que explorava a loteria. Possuía uma vasta fortuna obtida às custas da loteria clandestina. Logo não poderia ter interesse em que passasse para o controle do Estado.

Dixie prometeu a si mesmo que faria todo o possível para tirar-lhe aquela fonte de renda ilegal. A seguir buscaria provas para enforcar o patife. E como também era contrário à proibição do jogo, Dixie concluiu que igualmente devia ter sociedade nos saloons.

Voltando para casa, encontrou lá os Três Centauros. Conversaram durante três horas no seu gabinete e depois Lisa, a par da presença ali

dos Centauros, interrompeu-os para cumprimentar os visitantes.

- Que alegria vê-los em Cheyenne - exclamou. - Vão me levar para ver as provas e aos bailes de rua, se houver.

- Nós a levaremos onde você quiser - prometeu Lorne.

- Não vão se esquecer do trabalho - recomendou Dixie, sorrindo.

Depois explicou qual seria a missão dos Centauros.

- É perigoso! - exclamou Lisa, mas concordou com a idéia.

Horas mais tarde Monty era investido no cargo de delegado U. S. Em presença das autoridades competentes nomeou Lorne e Edward seus ajudantes. O próprio Dixie já encomendara os distintivos respectivos.

Fred também viera, para cuidar dos dois cavalos que Monty queria testar nas corridas de Cheyenne. Dixie, ao saber disso, prometeu ajudar no trato dos animais, adorava cavalos e corridas. E assim Fred teria mais tempo, pois os

Centauros contavam com ele para tirar dinheiro dos trapaceiros da cidade.

Os Centauros combinaram dar o lucro ao próprio Fred, para que pudesse descansar um pouco.

- Mas não devemos dizer-lhe nada - observou Monty. - Se soubesse, ele se negaria a jogar. Convenci-o de que o dinheiro será para instituições de caridade.

Enquanto isto Lisa passeava a cavalo. Adorava aqueles passeios ao ar livre, coisa que fazia diariamente. Hudson soube e convidou-a para ir visitar o rancho que ele tinha a seis milhas da cidade.

Lisa teria ido não fosse o filho de Hudson, que queria conquistá-la e o tentou da pior forma possível, contando vantagens e mais vantagens. Lisa repudiou-o. Ele prometeu que daria uma lição nela e, o que era mais, ela acabaria apaixonada por ele.

Por duas vezes encontrou-se com ela a cavalo, fingindo que era casual. Lisa começou a passear por lugares diferentes. Para Al Hudson

foi mais uma contrariedade, pois imaginava que agradava.

Sua ira cresceu, quando viu Lisa em companhia dos Centauros, parecendo muito feliz.

Um de seus amigos observou:

- Parece que Lisa anda bem acompanhada ...

Quem são?

- Não sei, mas devem ser convidados de Dixie para as festas - respondeu Al. -

Vamos lá cumprimentá-la. Assim ela os apresentará a nós e saberemos quem são.

Lisa, que já falara aos Centauros sobre Al, vendo-o se acercar, avisou:

- É ele.

- Olá, Lisa!- — exclamou Al, chegando perto.

- Como vai, Al?

- Parentes seus?

- São três amigos de Laramie. Este é Al Hudson...

Apertaram-se as mãos.

- Vieram para as festas, não? Bem, se são de Laramie não se surpreenderão muito. As festas

lá são mais animadas que aqui. Tenho amigos lá... Um até é muito popular e talvez vocês conheçam. Seu pai tem um grande saloon... Estudou com o Governador na faculdade, mas saiu justamente por causa dele.

- Por certo não gostava de estudar, meu pai não teve culpa nenhuma.

- Está falando de Elkton, o covarde? - perguntou Monty.

Al empalideceu.

- Disse que é meu amigo!

- Não impede que seja covarde. Estudou conosco na faculdade. O pai realmente tem um saloon cassino e lupanar ao mesmo tempo. Não é amizade aconselhável, rapaz.

- Gostaria de ouvi-los dizerem ao próprio Elkton!

Os três Centauros riram alegremente, enquanto Al se afastava furioso com os três.

- Vão-se arrepender do que disseram - prometeu. - Talvez Elkton venha para as festas. Veremos como se comportam.

Al levou-os para um saloon que bem pouca gente sabia ser de seu pai. Lá encontrou dois amigos de Laramie. Acercou-se deles e apresentou os companheiros.

- Estive com uns caras de Laramie e quase briguei com eles - falou - porque menosprezaram Elkton. Disseram que pai e filho são covardes e que o bar de Elkton é um prostíbulo. Fiquei quieto, porque a filha do Governador estava junto. Mas vão-se arrepender amargamente.

- Sabe quem são?

- Lisa não disse os nomes. Mas são três rapazes muito altos.

- Os Centauros!-— exclamaram os três forasteiros. - Foram alunos de Dixie.

- Foi o que disseram.

- Cuidado com eles, são perigosos. Quase mataram Elkton e seu filho de tanta pancada. Não pense que têm medo dele. Em Laramie são conhecidos como os Centauros Selvagens.

- Pois eu asseguro que vão-se arrepender de ter vindo a Cheyenne - insistiu Al.

- Aconselho-o a deixá-los tranquilos. Um deles é o pistoleiro mais rápido que conheci. Foi capaz de vencer Mason. Mason estava com amigos e foram todos enforcados. Não brinque com eles, pode pagar com a vida.

- Afirmo que vão arrepender-se do que disseram - ameaçou Al mais uma vez.

CAPÍTULO IX

Os Três Centauros jogavam no bar de Joe, cada um numa mesa diferente. Contaram a Joe que eram convidados de Dixie e Joe riu, satisfeito.

- Al Hudson é que está zangado - disse ainda o informante. - Queria conquistar Lisa e ela só sai com esses três. São advogados e foram alunos de Dixie em Laramie. Também têm ranchos e muito dinheiro. Mas dizem que são perigosos, quando se irritam.

- Aqui não terão motivos para se irritarem. Agrada-me que gostem de jogar. Poderão, inclusive, fazer Dixie mudar de idéia.

O tempo passou e Joe esqueceu-se dos Centauros. Mas daí a pouco começou a ouvir barulho nas mesas deles e acercou-se daquela em que Monty jogava.

- O que há? - perguntou a um freguês da casa.

- Este forasteiro ganha de todos os outros. Desconcertou os adversários e quase que só ganha com blefes. Vai deixá-los sem um centavo e aconselho-o a acabar com essa partida.

Joe passou a observar as mãos de Monty. O que lhe falara antes disse:

- Não tema, ele não trapaceia. Todos em volta estão de olho nele. É que ele sabe jogar mesmo.

- É estranho que ganhe tanto.

- E seus adversários trapaceiam todo o tempo. Nem assim ganham. Se não parar esse jogo vai haver encrenca.

Joe cochichou com os adversários de Monty e estes concordaram em se retirar. Joe sentou-se e comprou o primeiro cacife de três mil dólares.

- Espero ter mais sorte que eles. Monty sabia que era o dono do saloon, mas não lhe deu importância.

- Ficaram nervosos. Fizeram bem em sair porque senão iam perder mais ainda.

Joe já começou a jogar nervoso. Tentou assustar Monty com um blefe e apostou todo o cacife. Monty enfrentou-o com uma trinca e ganhou.

- Tentou me assustar, hem? Se continuar assim, vai-lhe custar bastante caro.

Joe levantou-se e se afastou. Voltou logo depois e colocou cinco mil dólares na mesa diante dele. Fez um full-hand na mão seguinte e apostou os cinco mil.

Monty ganhou-os com um pôquer.

Joe não quis se levantar. Continuou jogando e perdendo. E de cada vez ia perdendo mais e mais a paciência também.

Quando resolveu parar, uma hora depois, já perdera dez mil dólares.

Monty reuniu-se a seus amigos, que também ganharam mais de dois mil dólares cada um. Foram para o balcão e pediram bebida. Joe estava por ali e mostrava-se furioso.

- Quando aprender a dominar seus nervos e reações poderá jogar pôquer - disse-lhe Monty.-

Não deixe que seu rosto o denuncie. Para mim foi um livro aberto.

- Pretende dizer que sabia por meu rosto quando eu tinha jogo ou não?

- O dinheiro que perdeu prova, não?

- Se voltar amanhã talvez sua sorte mude.

- Duvido. O mais certo é que você acabe tendo de vender o saloon. Pensei que jogassem melhor em Cheyenne. E olhe que quase não jogo em Laramie.

Os Três Centauros saíram e Joe, ainda furioso, foi falar com os dois que perderam antes para Monty:

- Amanhã jogaremos com cartas marcadas.

- Não faça isso! Ele sabia quando trapaceávamos e não aceitava as apostas. Trapacear contra ele pode-lhe custar a vida. Não há dúvida de que o Governador os chamou para isto.

Joe perdera em pouco mais de uma hora o que levaria uma semana para ganhar no saloon, durante as festas.

Chegaram alguns taberneiros de Laramie e conversaram com Joe sobre os Centauros.

- Engraçado, nunca jogaram em Laramie. Nem sabia que conheciam pôquer. Mas são temíveis com os punhos e os revólveres. Elkton e seu filho podem dizê-lo. Não brinque com eles.

Depois daquilo Joe resolveu não jogar mais com os Centauros, nem com cartas marcadas nem sem elas.

O lucro de Joe nas outras mesas não foi além de duzentos dólares. E, além do mais, souberam que os Centauros continuavam ganhando quantias fabulosas em outros saloons.

No primeiro dia das provas os profissionais do baralho não queriam mais enfrentá-los. Jogaram apenas com vaqueiros e perderam trezentos dólares. Todo mundo se espantou.

Começaram a acreditar que não eram invencíveis afinal.

- Foram profissionais que o enfrentaram? - indagou Joe.

- Não.

- Logo vi. Não querem é que os profissionais ganhem. E não estamos ganhando mesmo. De nada adiantou haver jogo durante as festas.

Hudson também foi prejudicado com a atividade dos Três Centauros. Perdeu uma fortuna nas mesas de jogo de seus saloons.

Por isto, encontrando-se mais tarde com o Governador, na tribuna especial deste, no local das provas, disse:

- Ouvi dizer que seus antigos alunos ganharam muito dinheiro no pôquer, Governador.

- Uns trinta mil dólares - falou Monty.

- Também fiquei surpreso - disse Dixie. - Não sabia que tinham esta habilidade. Mas fico contente porque não fizeram nenhuma trapaça.

- Creio que os trapaceiros e donos de saloons estão furiosos conosco - disse Monty. - E fizemos de propósito, escolhendo os lugares mais pretensiosos e elegantes.

- Aquele amigo de vocês, que cuida dos cavalos, também ganhou em vários saloons. É realmente espantoso.

- Simplesmente sabemos jogar e observamos o rosto do adversário. Se aprendesse a ler nas

fisionomias dos parceiros também ganhariam facilmente.

- Nunca fui bom jogador - disse Hudson. - Diga, é verdade que trouxeram cavalos para as corridas?

- Dois e temos mais confiança em um que no outro.

- Pensam que podem ganhar? Eu tenho os melhores cavalos e o vencedor será um deles. Aposto tudo que jogaram no pôquer. .. Por aí vêem como confio em meus animais.

- Quer dizer que era dinheiro seu que esses trapaceiros perderam?

Hudson empalideceu.

- Melhor meditar sobre suas palavras, rapaz.

- Não devia ter confiado tanto em seus empregados, Sr. Hudson. Todos na cidade sabem que o senhor tem pelo menos uns seis saloons.

- Não são meus, apenas tenho sociedade neles.

- Pelo menos confessa alguma coisa. Vocês sabiam?

O governador, o procurador, o xerife e o prefeito negaram com a cabeça.

- É a primeira vez que ouço falar - disse o procurador.- Por isto o Sr. Hudson está zangado conosco. Nós lhe tiramos todo o lucro possível das festas.

- Devia ter-me falado a respeito, Hudson - disse o governador.

- Por isto ele tenta recuperar seu dinheiro nas corridas - falou Monty. - Já que confia tanto em seus cavalos, porque não apostamos duzentos mil dólares, Hudson?

Todos os presentes mostraram-se estupefatos.

- É uma loucura! - exclamou o governador.

- Não se ofenda, rapaz, mas tem esse dinheiro?

- Claro que tenho. Tudo que pretendo é dar uma chance a vocês e seus amigos de recuperarem o que perderam no pôquer.

- Lembre-se que há testemunhas nos ouvindo.

- Quer dizer que aceita a aposta?

- Seria imbecil recusar.
 - Talvez não pense assim depois da corrida.
 - Insisto em que é uma loucura, Clermont - falou o governador.
 - A aposta já está feita.
 - Depositaremos o dinheiro no banco no dia anterior à corrida.
 - Você depositará. Eu não preciso, porque sou conhecido na cidade.
 - Ambos depositaremos - disse Monty. - Por acaso não tem esse dinheiro?
 - Olhe, o diretor do banco está chegando. Pergunte-lhe.
 - Seu saldo não chega a tanto, Sr. Hudson - disse o diretor.
- Hudson ficou pálido.
- O banco pode garantir a diferença.
 - Lamento, Sr. Hudson, mas não tenho autorização da matriz. O senhor deve ter apenas uns cinquenta mil.
 - Então queria apostar sem ter o dinheiro?
 - Não sabia quanto tinha no banco.

- Você é um trapaceiro! - e Monty deu-lhe um soco, jogando-o no chão.

Quando Hudson se levantou e recuou para não apanhar mais, notou a placa no peito de Monty, o que antes não percebera.

- Completarei a quantia, se ainda quiser apostar!

- Quando depositar o dinheiro no banco avise-me. Gostarei muito de ganhar tamanha soma.

Lisa tirou Monty dali e seus amigos foram juntos.

Um amigo de Hudson afastou-se com ele.

- Cometeu uma série de tolices, inclusive confessar que é sócio de alguns saloons. Agora todos saberão.

- Ganharemos uma fortuna.

- Acha que arrumará tanto dinheiro?

- Os taberneiros me ajudarão.

- E se o cavalo dele ganhar?

- É impossível. Meu cavalo não pode perder. Aquele rapaz não sabe a bobagem que está fazendo.

O amigo deu de ombros.

CAPÍTULO X

Hudson falou com os proprietários de saloons e estes concordaram em emprestar o dinheiro, certos de que assim recuperariam o perdido no jogo. O diretor do banco espantou-se, quando Hudson foi lá levar a quantia, no dia seguinte.

Mandaram avisar na casa do governador e Monty disse que teria seu dinheiro dois dias depois. Tinham de enviá-lo de Laramie.

Os três amigos acompanharam Lisa à pradaria. Hudson estava na tribuna do governador, como na véspera, e disse a Monty:

- Meu dinheiro já está no banco. Espero que ponha o seu lá também.

- Acalme-se. Antes da corrida estará lá.

- Não vão participar das provas? Ouvi comentários sobre o que fizeram em Laramie.

- Está falando de Mason? Aquele só tinha fama...

- Gostaria de ver o que fazem diante de meu grupo.

- Seu grupo não seria adversário para nós, não é, Monty? - interveio Lorne.

- Quando os vir em ação direi o que penso. Disse que participarão do concurso de facas?

- Vai ficar assombrado quando souber o nome de meu lançador.

- Por que não toma parte, Monty? - perguntou Edward.

- Para quê? Para perder? Hudson tem certeza de que seu lançador vai ganhar...

- Mas você não acredita, não é mesmo? - disse Hudson. - Podemos apostar mil dólares...

- Nada. Prefiro ficar só com a aposta dos cavalos.

A discussão prosseguiu até que anunciaram a entrada do lançador de facas do grupo de Hudson. Fez sua exibição e foi aplaudido. Monty ficou de olho nele todo o tempo.

- O que achou? - perguntou Hudson.

- Muito lento. Eu faria o mesmo na metade do tempo.

Hudson deu uma gargalhada. O júri anunciou a vitória de seu grupo e ele escarneceu :

- Viu?

- Claro que vi. Agora gostaria de fazer uma aposta com ele pessoalmente. Dez mil dólares.

- Não pensei que fosse tão teimoso.

- Arrume os dez mil e depois fale comigo.

Num instante todos na pradaria tinham conhecimento do desafio de Monty.

O lançador de facas do grupo de Hudson disse:

- Não entendo o padrão. Por que não aceitou?

- Certamente por que não tem dinheiro - disse um companheiro seu. - Já vai apostar muito na corrida.

Mas Joe foi falar com Hudson e ofereceu:

- Empréstimo-lhe o dinheiro. Temos de dar uma lição nesse fanfarrão.

Hudson foi falar com Monty e Joe disse ao governador que se responsabilizava pelo dinheiro. Monty concordou.

- Cá estão os meus dez mil, governador - disse, dando-lhe o dinheiro. - Isto é o que ganhei dos trapaceiros da cidade.

O júri anunciou que haveria nova prova de facas. Monty e o campeão deixaram a escolha do alvo por conta do júri. Sabendo disto, Fred sugeriu um certo alvo que somente ele e os Centauros conheciam.

Quando foram para o lugar da prova, o campeão protestou contra o novo alvo, porém., como já concordara que o júri decidisse, teve de aceitar. De qualquer modo, pensava, se é difícil para mim será para ele, também.

Os dois competidores colocaram-se diante dos alvos. Hudson reparou que Monty punha suas facas no cinturão e basofiou:

- Assim perderá muito mais tempo. Meu campeão ganhará outra vez!

Mas, dado o sinal pelo júri, todos na pradaria ficaram assombrados. Monty lançou

suas facas na metade do tempo de seu adversário e sem nenhum erro, o outro tivera quatro falhas.

Este baixou a cabeça envergonhado. Era o primeiro lançador de facas que via usar as duas mãos e sem perder a rapidez ou segurança.

- Não é direito! - protestava Hudson, enquanto o público aplaudia. - Mudaram o alvo para que o delegado ganhasse.

- Aposto mais dez mil nos alvos antigos! - disse Monty, quando houve algum silêncio.

- Não! - gritou o campeão. - Ele me ganhará sempre, seja em que alvo for.

Hudson e Joe começaram a xingá-lo.

- Não tenho culpa, patrão. Ele arremessa com as duas mãos, o que lhe dá- muita vantagem.

- Pois que jogue com uma só mão - bradou Hudson.

- Mais dez mil com uma mão só! - gritou Monty.

Mas o campeão se recusou terminantemente.

Mais tarde, quando todos se retiravam, Joe foi, furioso, para seu saloon.

- Maldito delegado! Nunca vi ninguém tão hábil com as facas.

E começou a contar a proeza de Monty aos que não puderam assistir a ela. Estavam nisto quando chegaram os Três Centauros.

- Já vou lhe pagar, delegado. Surpreendeu todo mundo com sua habilidade... Ninguém jamais viu tanta perícia.

- Não devia ter confiado nos outros.

- Não acontecerá outra vez.

- Ouvi dizer que Hudson despediu o lançador do grupo. Foi injusto. O rapaz lança bem, embora seja um pouco lento.

Joe pagou os dez mil dólares sem reclamar e os três amigos foram encontrar-se com Lisa e seu pai.

- Que susto você me deu, Clermont! - exclamou o governador. - Não pensei que fosse tão hábil com as facas e temi sua derrota.

- Não foi tão difícil assim.

- Você agora é o ídolo desta cidade.

Jantavam, quando chegou a notícia de que haviam enforcado seis trapaceiros e incendiado dois saloons. Alguns vaqueiros surpreenderam-nos fazendo trapaça. Um dos taberneiros fora enforcado e o outro escapou.

Mas o castigo infundiu medo aos demais trapaceiros. Já não ousariam fazer jogo sujo.

Quando soube do fato Joe comentou:

- Violências acabam com as festas para nós. Temos de parar com as trapaças.

Não precisava falar, os trapaceiros já estavam todos na estação, esperando o trem para Laramie.

Os dois saloons incendiados eram de Hudson e este estava furioso, em sua casa. Já perdera uma fortuna.

No dia seguinte havia outra surpresa para desagradá-lo e a Joe, Cross aceitara o cargo de juiz, oferecido por Dixie.

- Foi o que arranjou trazendo Kent - disse um amigo de Joe. - Este não pode mais advogar e Cross passou para o outro lado.

- Cross não ousará nos enfrentar.

- Não acredito muito.

Nesse mesmo dia o xerife prendeu um empregado daquele saloon e Cross não quis soltá-lo sob fiança.

- Terão de matar Cross - disse Joe, ao saber. - Está decidido a ajudar Dixie e a culpa é de Agatha. Não perdoa que a tenham insultado na casa do governador. Cross tem de ser eliminado.

De noite Joe foi à casa de Hudson e conversaram muito tempo, porém, quando saía, encontrou o xerife do lado de fora.

- O que tramaram? - perguntou o representante da lei.

Joe, nervoso, disse que foi ver Hudson para falarem de negócios. Queria vender seu bar e oferecera-o a Hudson.

O xerife começou a rir.

Joe foi para casa muito assustado. Agora tinha de comunicar a Hudson a desculpa que dera, porque senão este poderia vir com outra e complicaria ambos.

No dia seguinte Leo foi ao saloon e Joe alegrou-se. Poderia mandar recado por ele.

- Agora é tarde - respondeu Leo. - O delegado já foi falar com Hudson.

Joe ficou pálido.

- Temos de ver Cross e saber de que lado está.

- Já provou que ajuda Dixie, senão teria soltado seu empregado. E o pior é que acharam uma série de bilhetes de loteria no saloon de Hudson. Cross mandou fechar o estabelecimento.

- Não pode, é uma medida arbitrária.

- Pois já fez, o xerife já foi cumprir a ordem.

- Maldito covarde!

- Não devia ter trazido Kent. Foi o que irritou Cross.

- Temos de matá-lo.

- Nada lucrará com a morte dele.

- Ele pode-nos arruinar. Sabe onde estão os bilhetes da loteria e tudo será descoberto.

O xerife chegou nesse momento e pararam de falar.

- Venha comigo, Leo - disse ele. - O delegado quer-lhe falar. Espera-o na redação do jornal.

Quando chegaram, Monty tinha diante de si os clichês dos bilhetes de loteria.

Leo tentou fugir, mas era tarde. Monty atirou várias vezes e, ferido, o jornalista confessou.

Joe contava com a corrida de cavalos para desforrar-se de tudo que perdera, bem como seus amigos.

Os vaqueiros de Monty acabaram de expulsar os trapaceiros ainda restantes na cidade. E Cross, conhecedor do submundo local, começou a fechar lupanares, prendendo as mulheres ali encontradas.

Uma delas confessou que o dono era Hudson. Monty não deixou seus amigos enforcarem o patife. Antes queria ganhar seu dinheiro na corrida.

Leo morrera por causa dos tiros. Monty fez desaparecer os clichês ali encontrados, para que ninguém mais os usasse e, quando Hudson soube que não estavam lá, tranquilizou-se, pensando que Leo os escondera antes de morrer.

E assim chegou o dia da corrida. Hudson sugeriu que os quatro cavalos corressem sozinhos e a idéia foi aceita. Fred montaria um dos animais e um vaqueiro de Monty o outro. Os dois animais de Hudson seriam pilotados por vaqueiros seus.

Hudson deu-lhes instruções até o momento da largada, porém, segundos depois da largada, todos já sabiam que Fred ganharia. Seu animal distanciava-se cada vez mais dos outros.

Na reta final os demais competidores estavam longe.

Era a derrota. Hudson sentiu-se desesperado, bem como seus amigos e os que o ajudaram a recolher o dinheiro.

Abatido, tomou o rumo de casa. A ira e o desespero o assoberbavam.

Entrementes seu filho andava pela rua principal, pensando nas bobagens que seu pai cometera. Repentinamente viu-se laçado por dois cavaleiros que passavam velozes e foi arrastado.

Quando os cavaleiros o soltaram, diante do saloon de Joe era apenas um monte de destroços humanos.

Joe soube desta morte e, apavorado, resolveu partir de Cheyenne.

- Quanto perdeu nesta corrida? - perguntaram-lhe os amigos.

- Muito dinheiro. Tudo saiu errado, desde que Dixie foi eleito.

- Os culpados de tudo foram os Centauros. E Cross também os ajuda. Já sabe que você quer matá-lo.

- Mas eu não disse nada a ninguém!

- Você tem o hábito de falar em voz alta. Alguém deve ter ouvido e contado a ele.

Daí a pouco chegaram alguns vaqueiros e houve muita briga e confusão. Ninguém ficou sabendo como começou a coisa, mas o bar de Joe ficou todo rebentado e as empregadas e garçons fugiram.

Joe tentou escapar. Quatro vaqueiros surraram-no com chicote e, por fim, enforcaram-no.

Danielle fugiu, mas também recebeu sua lição.

As mortes de seu filho e de Joe deixaram Hudson aterrorizado. Sabia que chegaria sua vez. Lamentava não ter dinheiro para ir bem longe, mas ainda lhe restavam alguns saloons, embora já não pudesse mais contar com a loteria.

Decidiu fugir para Laramie. Lá seus amigos o ajudariam a começar nova vida. Isto permitiu-lhe escapar do castigo.

Quando Monty soube de sua fuga, irritou-se consigo próprio. Cross apontou os saloons de Hudson e os vaqueiros de seu rancho rebentaram todos, sempre armando brigas que ninguém explicava como começavam.

Quando acabaram com todos os saloons, Cross comentou:

- Hudson está arruinado. Só lhe resta o rancho, com algum gado. Mas este, os vaqueiros que também estão fugindo, já devem ter carregado.

Dois dias mais tarde as palavras de Cross se confirmavam. O rancho de Hudson estava deserto e só sobraram algumas reses.

Na cidade não havia mais vício. Os Centauros e seus vaqueiros haviam-na limpado.

Quanto aos saloons, mais de sessenta por cento estavam fechados.

Os Centauros tinham cumprido sua missão em Cheyenne e prepararam-se para voltar a Laramie. Lisa e Agatha foram levá-los à estação. Cross e Dixie também foram lá.

- Ainda não percebeu que Lisa está apaixonada por você? - perguntou Agatha a Lorne.

- Também estou apaixonado por ela, há vários anos - respondeu Lorne.

- Mas ela sabe?

- Desde aquela época. Resolvemos esperar mais algum tempo. Queremos nos casar em Laramie.

- Que bom... Começava a ficar preocupada com Lisa.

Para confirmar as palavras de Lorne, Lisa beijou-o várias vezes e abraçou-o. O governador aproximou-se e disse:

- Devem-se casar o quanto antes. Podem vir nos visitar de vez em quando. Quando meu mandato terminar voltaremos para o rancho.

Lisa beijou seu pai.

- Vamos nos casar o quanto antes!

Parker recebeu, sorridente, os três amigos.

- Pintaram o sete em Cheyenne, hem?

- Soube do que houve lá?

- Há tempos não se fala de outra coisa. Mas o diabo é que todos os trapaceiros que fugiram vieram para cá.

- Talvez Hudson esteja entre eles — falou Edward.

- Talvez. E os Elkton, xerife?

- Já estão melhor. O filho, inclusive, sai à rua às vezes.

- E sobre o gado?

- Os ladrões de gado continuam trazendo reses que vendem aos compradores sem passar

pelo leilão. Esperava por vocês para iniciar a guerra contra eles.

- Creio que antes temos de acabar com os casinos desta cidade, tal como fizemos em Cheyenne - disse Monty.

- Começaremos assim que vocês quiserem.

- Eu o avisarei. Por enquanto quero ver o rancho, e meus amigos precisam ver suas famílias. Vamos nos reunir outra vez daqui a uma semana.

Antes de irem aos ranchos, passaram por um dos mais famosos saloons da cidade. O dono foi cumprimentar Parker, procurando agradá-lo.

- Parece que gostam de jogar - observou Lorne, fitando as mesas de pôquer cheias de jogadores.

- Os vaqueiros não sabem viver longe do baralho.

- E esses caras elegantes que jogam com eles? - perguntou Monty.

O dono do bar ficou pálido.

- Não sei quem são. Não interrogo os fregueses sobre suas vidas.

- Eu entendo - exclamou Monty, rindo.

- Pois eu sei quem são esses sujeitos - disse Parker. - São jogadores profissionais e trapaceiros.

- Temos de livrar a cidade desta gente - disse Monty - se bem que a culpa maior seja dos taberneiros que os deixam jogar.

O dono do bar recuou, assustado.

- Vamos começar a limpeza por esta casa. Diga a esses trapaceiros para não voltarem mais aqui.

- Sim, sim... - balbuciou o dono, assustado. - Direi.

- Chame alguns deles - ordenou Monty.

O proprietário do saloon chamou quatro dos jogadores.

- Mandou-nos chamar? - perguntou um deles ao xerife.

- Vocês são daqui? - indagou Lorne.

- Não entendo...

- Este é o delegado U.S. e seus comissários - explicou Parker.

- Por acaso não podemos ir para Cheyenne?

- Para jogar, não. E se ficarem, vão-se arrepender.

- Jogamos por distração.

- Não podem mais voltar aqui - disse o dono do saloon.

- Eh, que diabo? Vamos aonde queremos e ninguém tem nada com nossa vida.

- Doze horas para sair da cidade - determinou Monty. - Não desobedeçam porque depois deste prazo não sairão mais.

- Mas não fizemos nada, é uma injustiça...

- Doze horas! — repetiu Monty.

O dono do bar fez um sinal aos jogadores e todos cinco tentaram sacar.

Apenas Monty e Parker atiraram. Os cinco patifes morreram sem ver a morte.

- Olhem o garçom! - preveniu o xerife. - O que procura aí embaixo?

- Nada! Nada!

- Ia pegar um revólver.. - falou o xerife, e deu vários tiros nele.

A notícia correu toda a cidade e os demais trapaceiros se assustaram. Os taberneiros pediram-lhes que parassem de jogar uns dias.

- Esses três são perigosíssimos - disse um dos proprietários de saloons. - Foram eles que fizeram aquela limpeza em Cheyenne. Um é delegado U.S. e os outros dois são seus ajudantes.

Um outro taberneiro foi a seu quarto. Hudson estava ali.

- O que houve? - indagou Hudson.

- Os Centauros estão em Laramie - disse o taberneiro. - Já mataram alguns jogadores e esta noite os outros vão tratar de sumir.

- Impossível! Se me virem aqui vão-me matar! Tenho de dar o fora!

- É o que eu queria lhe pedir. Muita gente sabe que você está aqui e os Centauros logo descobririam.

- Dê-me algum dinheiro e partirei.

- Dinheiro? Esquece-se que antes nos pagava uma miséria e ganhava uma fortuna? Você

sempre foi um miserável. Dê o fora de minha casa e não me importa como vai fazê-lo.

O taberneiro retirou-se, irritado, e Hudson revistou-lhe os móveis, tentando achar dinheiro. Minutos mais tarde o dono do bar voltou e surpreendeu-o, disparando várias vezes sobre ele.

Depois explicou aos empregados que pegara-o tentando roubá-lo.

Até o dia seguinte o xerife não soube quem era o morto. Mas quando foi informado concluiu que, uma vez que Hudson passara vários dias na casa daquele taberneiro, era porque eram amigos.

Foi ao saloon disposto a prender o patife. Este tentou se defender, sacando o revólver, e o xerife teve de enfiar-lhe uma bala na testa.

O governador mostrou a carta a sua esposa.

- É de Lisa. Está muito bem e vai ter um filho. Quer que você vá passar uns tempos com eles.

Ela leu a carta e disse, com os olhos cheios de lágrimas:

- Claro que vou. Também estou contente por Monty ter-se casado. Mas não conheço essa moça...

- Eu, também, não. Estão há pouco tempo em Laramie. Devo muito a estes rapazes. Fizeram uma limpeza em Laramie e aqui.

- Assim que você terminar o mandato tudo voltará a ser como antes. Foi um trabalho inútil, no final das contas.

- É uma pena que Monty não seja mais delegado...

- Lorne é tão bom quanto ele.

- Eu sei, mas preferia Monty.

- Lorne e Edward chegam para manter o Wyoming em ordem.

- Pena que os Centauros se tenham separado.

- Laramie tem um bom xerife, que é Fred. E aqui há um governador admirável...

O governador ria, satisfeito, vendo a esposa se afastar.

Fim